

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA  
E LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA**

## **COLOCAR LUPAS, TRANSCRIR MAPAS**

**INICIANDO O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA  
EM NÍVEL BÁSICO DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA**

**Heloísa Pezza Cintrão**

**Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana, do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutora em Letras.**

**Orientadora: Profa. Dra. Mirta María Groppi Asplanato de Varalla**

**São Paulo  
2006**

**Heloísa Pezza Cintrão**

# CAPÍTULO 1

## NOVATOS, PROFISSIONAIS E O ENSINO DE TRADUÇÃO

### 1.1 O interesse dos estudos processuais para a formação de tradutores

Em dois trabalhos publicados em 1984, Toury apontava que pesquisas focadas exclusivamente nos aspectos lingüísticos do fenômeno tradutório não forneciam o conhecimento necessário para estabelecer diretrizes e parâmetros para o ensino de tradução. Atender às necessidades da formação de tradutores requeriria o direcionamento do foco de pesquisa para a aquisição da competência tradutória, dizia. Em outras palavras, seria preciso compreender melhor como um “falante bilíngüe se torna um tradutor”. O trecho entre aspas pertence ao título de um capítulo que o próprio Toury dedica, posteriormente, à questão da aquisição da competência tradutória em seu livro *Descriptive Translation Studies and Beyond* (1995).

Dizer que o processo de aquisição da competência tradutória (CT) é um processo por meio do qual um “falante bilíngüe se torna um tradutor” parece envolver pressupostos importantes para esta pesquisa:

1) Coloca no ponto inicial do processo de aquisição da competência tradutória um bilíngüe e, em seu ponto final, um tradutor profissional e/ou competente.

2) Implica que a competência bilíngüe não se identifica com a CT: ser um bilíngüe competente não confere automaticamente competência para traduzir.

3) Postula uma CT inicial rudimentar, dada *a priori* pelo bilingüismo, que pode progredir gradativamente por diferentes níveis de aperfeiçoamento, e que esse progresso viria como resposta a algum tipo de fator externo/ação externa.

4) Se houver um ponto final de desenvolvimento, em que a CT atingiria um nível de maturação objetivamente detectável, isso supõe que deva haver traços

componenciais que permitam identificar quando a CT atingiu um estágio avançado e, a partir daí, propor uma definição da CT desenvolvida, no quadro dos estudos descritivos.

5) Sugere que possa haver indícios observáveis de que o bilíngüe está avançando na aproximação àquela fase madura da CT; em outras palavras, que haja indicadores de progresso na aquisição da CT.

A complexidade de cada um desses supostos é alta, como mostra uma série de estudos posteriores. Tentar suprir a lacuna de investigações que Toury indicava em 1984 supôs um amplo e multifacetado universo de pesquisas nos últimos vinte anos. Elas se vinculam fundamentalmente às abordagens cognitivas<sup>1</sup> da tradução, mas não puderam nem poderão deixar de lado as abordagens lingüísticas, ou, mais amplamente, as abordagens orientadas ao produto, já que a pedra de toque para qualquer “diagnóstico” de competência tradutória ou de desenvolvimento de CT de um sujeito não poderá ser feito senão considerando a qualidade do produto final de sua(s) tradução(ões), por mais controverso e/ou complexo que possa ser estabelecer critérios para avaliação de qualidade em tradução.

Sobre a variedade de estudos necessários para se chegar a uma compreensão da aquisição da CT, vejamos alguns problemas colocados apenas pelo suposto de número 1, que consistia na definição do processo de aquisição da CT como um percurso que um sujeito inicia como bilíngüe e termina como tradutor.

Numa primeira instância, essa definição da aquisição da CT coloca em cena a questão do bilingüismo, e com ela a questão da competência lingüística ou comunicativa. Com relação ao bilingüismo e à competência lingüística como componentes da CT, tem-se apontado uma série de dificuldades para categorizações claras e para controle de variáveis em estudos empíricos e experimentais. Em primeiro lugar, e isso é bastante consensual, não há verdadeiros bilíngües, no sentido de um domínio simétrico de duas línguas. Haveria diferentes graus de aproximação de uma situação de bilingüismo total, graus variáveis individualmente:

Um autêntico bilingüismo, ou seja, um grau totalmente idêntico de domínio de duas línguas em quaisquer situações e para quaisquer informações que se queira transmitir, provavelmente só exista de forma aproximada (Crystal 1976; Hüllen 1980; Secord & Backman 1974). Isto vale também para os tradutores profissionais. Via de regra, sua competência em uma das línguas é maior do que na outra. Além disso, entre tradutores profissionais parece haver consideráveis diferenças quanto

---

<sup>1</sup> Ver proposta de cinco diferentes enfoques gerais nos Estudos de Tradução no Cap. 2 (2.1.1).

às suas competências nas línguas envolvidas. (Lörcher, 1991: 44, *apud* Orozco, 1997: 20)

*[Real bilingualism, i.e. an absolutely equal degree of availability of two languages in any situation and for any information to be communicated, probably only exists in approximations (Crystal 1976; Hüllen 1980; Secord & Backman 1974). This is equally true for professional translators. As a rule, their competence in one language is higher than in the other. Furthermore, there seem to be considerable differences among professional translators with respect to their competences in the languages involved.]*

Por isso, o sujeito no ponto de partida do processo, freqüentemente chamado “novato” em estudos empíricos, como sujeito bilíngüe já com boa proficiência, vai colocar em cena um conjunto de variáveis relacionadas à questão do bilingüismo e da própria competência lingüística ou comunicativa.

Mas, além disso, o sujeito no ponto de partida na formação de tradutores nem sempre será um bilíngüe com excelente domínio da língua estrangeira ou segunda língua (L2), e nem sempre é esse o perfil dos sujeitos considerados “novatos” nos estudos experimentais de processo. Seria realmente condição para a formação de tradutores que o processo se iniciasse apenas quando a proficiência na L2 já houvesse atingido níveis avançados?

A questão do nível de proficiência bilíngüe requerida para o início do processo de formação de tradutores costuma ser colocada apenas com respeito à L2, como se a proficiência na língua materna (LM), por seu caráter multifacetado (e às vezes especializado em certas habilidades comunicativas, no caso do tradutor e do intérprete<sup>2</sup>), não fosse passível de apresentar deficiências também num falante nativo, que, por exemplo, pode ser um produtor de textos escritos sofrível ou altamente inábil em sua LM. Seria necessário, então, também um determinado grau prévio de proficiência nestes aspectos da própria LM para iniciar-se na formação como tradutor?

É, portanto, bastante complicado operacionalizar a noção de “bilíngües não tradutores” ou de “novatos” para fins de pesquisas experimentais sobre o desenvolvimento da CT.

Não é menos complexa a questão de como decidir se estamos ou não diante de um sujeito possuidor de uma CT desenvolvida, ou seja, que atingiu o ponto final do

---

<sup>2</sup> Ver quadro de especialização de habilidades de Presas (2000), oferecido no subitem 1.9 deste capítulo.

processo de desenvolvimento da CT. Essa complexidade se torna visível se considerarmos as características dos sujeitos que são contrapostos ou comparados ao sujeito “novato” em diferentes estudos empíricos. Veremos que alguns estudos pioneiros consideraram como “profissionais” estudantes de último ano de cursos de Letras, ou que acabavam de concluir sua formação universitária em Letras ou cursos afins, o que pareceria incongruente com a consideração de que o bilingüismo não é condição suficiente para uma boa competência tradutória, e mais incongruente ainda com a posição dos que consideram que apenas um bom tempo de trabalho profissional constante com a tradução leva de fato a consolidar a CT.

Com relação a isso, alguns estudos procuraram estabelecer o nível de CT com base na avaliação da qualidade da tradução produzida pelos sujeitos observados. Outros estudos, mais recentes, procuram usar o tempo e o volume de experiência para compor seus grupos de sujeitos experientes observados. Este último critério também não é isento de problemas, já que os próprios pesquisadores que o utilizam admitem que seus tradutores “profissionais” eventualmente produzem traduções de má qualidade, o que indica que não é o mesmo falar de tradutores profissionais (com considerável tempo e volume de experiência de trabalho com tradução) e de tradutores competentes (que produzem traduções de boa qualidade).

Traçado esse panorama referente aos problemas de se estabelecer quem seriam os novatos no processo de aquisição da CT e quem seriam os tradutores competentes ao final dele (se é que existe esse final), passamos a uma segunda questão: que tipo de estudo poderia levar a entender a aquisição da CT, e sua própria natureza, em que consistiriam esses estudos que poderiam fornecer respostas e parâmetros aplicáveis ao ensino de tradução? Esses estudos se concentrariam maciçamente nas abordagens cognitivas da tradução e envolveriam quase que necessariamente análises dos processos mentais efetuados ao traduzir, ou dos chamados estudos “orientados ao processo” (*process-oriented approach*).

Os estudos processuais de tradução se inauguram com o uso da técnica de protocolos verbais (*Think/Thinking/Talk-Aloud Protocols*, ou TAPs). É o caso dos estudos de Hans P. Krings e de Pamela Gerloff, examinados nos subitens a seguir. A técnica, oriunda dos estudos psicológicos sobre resolução de problemas, havia passado a ser utilizada também nos estudos lingüísticos, e na década de 1980 começou a ser usada nos estudos de tradução. A técnica dos protocolos verbais recolhe dados valendo-se da introspecção e da explicitação (verbalização) por parte de um sujeito sobre os passos

(ações e pensamentos) que segue ao executar uma tarefa. Sua verbalização é gravada e depois transcrita, e assim podem-se obter indícios de processos mentais, impossíveis de ser observados diretamente. A técnica tem variações. Por exemplo, o sujeito diz o que vai pensando e fazendo à medida que realiza a tarefa (TAPs concomitantes), ou discorre sobre a realização da tarefa imediatamente depois de concluída (TAPs retrospectivos), ou o faz com maior ou menor grau de intervenção do pesquisador (TAPs dialogados ou não)<sup>3</sup>. Os pioneiros dos estudos processuais em tradução nos anos 80 optaram, em geral, pelos TAPs concomitantes, com diferentes interesses de observação dos dados coletados.

No geral, esses estudos têm trabalhado sobre uma categorização relativamente polarizada entre novatos *versus* profissionais, com consideráveis variações entre o tipo de sujeito observado.

Uma referência às reivindicações de Toury feitas em 1984 abre o relato de Krings (1986: 236) sobre os resultados de suas pesquisas em torno do processo tradutório. Com análises baseadas na técnica introspectiva dos protocolos verbais, ou TAPs, Krings foi um dos pioneiros nos estudos de processos mentais envolvidos na operação tradutória, e é significativo que inicie seu texto explicitando uma preocupação com a aplicabilidade de seus estudos ao campo da formação de tradutores. Essa mesma preocupação estará lado a lado com a pesquisa empírica nos trabalhos de uma série de outros pioneiros dos estudos orientados ao processo tradutório, como, entre outros, Franz Königs, Wolfgan Lörcher, Pamela Gerloff, Janet Fraser, Sonja Tirkkonen-Condit, Riita Jääskeläinen, Candance Séguinot, alguns dos quais terão estudos seus examinados aqui.

O campo dos estudos processuais da tradução dá seus primeiros passos na década de 1980, mas ganha especial impulso nos anos 1990 (Venuti, 2000: 339). O “processo tradutório” constitui um dos objetos centrais de teorização das abordagens cognitivas de tradução, juntamente com o conceito de “competência tradutória”, e nas pesquisas que focam um desses dois construtos teóricos centrais das abordagens cognitivas sempre há um vínculo e um interesse mais ou menos explicitamente declarado com relação ao outro.

A interdependência aparece mais claramente no caso dos estudos sobre a competência tradutória: enquanto um estudo do processo tradutório poderia ser aparentemente conduzido sem menção ou aprofundamento do conceito de competência

---

<sup>3</sup> Uma discussão mais detalhada sobre diferentes tipos de TAPs será feita no Cap. 8 (8.9.1).

tradutória, é difícil conceber um estudo sobre a CT que prescindia do conceito e de algum tipo de observação ou consideração do processo tradutório.

Mas a relativa independência que os estudos de processo têm do estudo da CT é bem mais aparente do que factual. Na verdade, já desde o trabalho de Krings (e cada vez mais, à medida que avançam os estudos do processo tradutório), entram em jogo questões diretamente vinculadas ao conceito de CT, entre as quais se destacam:

1) Reconhece-se que o processo tradutório não terá as mesmas características se observado entre (a) aprendizes de L2, (b) bilíngües proficientes e (c) tradutores experientes, o que significa formular que as características do processo tradutório estão em relação de dependência com o grau de desenvolvimento da CT.

2) Assume-se cada vez mais explicitamente que o processamento mental de maior interesse para os Estudos de Tradução é aquele que conduz a boas traduções, o que, além de colocar o interesse dos estudos processuais em relação de dependência com os estudos de qualidade de produto em tradução, levam novamente a formular que o processo ganha de fato seu significado quando observado em relação a graus de desenvolvimento da CT. Isso implica que, desde o desenho experimental, os estudos de processo precisam assumir um critério para seleção de sujeitos baseando-se na atribuição de graus de CT, seja o de considerar a CT pelo reconhecimento social e profissional atingido por certo tradutor, seja pela consideração quantitativa de tempo e volume de experiência do sujeito observado, seja pela avaliação de produto a partir de critérios de qualidade, ou ainda por diferentes combinações desses critérios.

Dada a importância especial dos estudos processuais em ajudar a fornecer parâmetros para a definição da CT, em entender os passos da aquisição da CT e, conseqüentemente, na formação de tradutores, faremos neste capítulo inicial um percurso por estudos processuais que procuraram descrever e discutir características de processamento mental de “novatos” e “profissionais”, e nos forneceram, assim, importantes parâmetros de apoio para considerar a CT e seu desenvolvimento.

## **1.2 Problemas e estratégias como parâmetros: Krings e Gerloff**

### **1.2.1 Problemas e estratégias nos estudos de Krings**

O primeiro estudo de Hans P. Krings a ser examinado aqui foi publicado em 1986, precedendo em pouco tempo seu livro comumente incluído em bibliografias sobre

estudos processuais, *Was in den Köpfen von Übersetzern vorgeht. Eine empirische Untersuchung der Struktur des Übersetzungsprozesses an Fortgeschrittenen Französischlernern* [O que acontece na mente de tradutores. Um estudo experimental da estrutura do processo tradutório de estudantes de francês de nível avançado], do mesmo ano. Com o experimento relatado, Krings teve por objetivo chegar a um primeiro mapeamento do processo de tradução, mesmo que provisório.

Até então, os modelos de tradução propostos eram modelos mais abstratos, que enfocavam a tradução como fenômeno de comunicação intercultural, como o de Nida (1964). Baseado em categorias de modelos do processo de comunicação, o modelo de Nida adotava conceitos como o de emissor, mensagem, receptor, ruído, carga comunicativa, enfocando a tradução como processo comunicativo de transmissão de uma mensagem, mas não como processo psicolinguístico na mente do tradutor.

Quanto a modelos que procurassem dar conta dos diferentes estágios de desenvolvimento da CT, Krings nota que havia, naquele momento, apenas um, o modelo proposto por Harris (1977; 1978) e por Harris & Sherwood (1978), insatisfatório por uma série de fatores: (1) preocupado com a tradução como habilidade inata, passava por alto a influência de fatores externos e as diferenças individuais observáveis na realização de tarefas tradutórias por bilíngües; (2) baseava-se excessivamente em exemplos de traduções de enunciados muito simples por crianças bilíngües que chegavam a ter menos de dois anos de idade, e com isso desconsiderava que a tradução é uma operação textual e ignorava a complexidade que a equivalência pode mostrar em tarefas de tradução realizadas efetivamente com textos, em especial quando são relativamente sofisticados; (3) padecia de inadequações metodológicas, como basear-se na memória dos sujeitos relativa a eventos linguísticos acontecidos muitos anos antes.

Krings apresenta um modelo do processo tradutório na forma de fluxograma (ver *Figura 1*), ressaltando que se tratava de uma proposta provisória, que precisaria ser testada à luz de maior volume e variedade de dados. Sua proposta é elaborada a partir da análise de regularidades observadas em protocolos verbais de oito sujeitos, quatro deles realizando tradução direta e quatro, tradução inversa, e envolve categorias diferentes das do processo de comunicação. Alicerça-se fundamentalmente em dois conceitos, aos quais Krings chega a partir do quadro teórico da psicolinguística e indutivamente a partir dos dados de seu estudo exploratório. Esses dois conceitos fundamentais são os de problema de tradução e estratégia de tradução.



O especial interesse que o artigo de Krings tem aqui reside (a) na argumentação em favor da importância do exame do processo tradutório como requisito para compreender o desenvolvimento da CT; (b) no estabelecimento dos conceitos de problema tradutório e estratégia tradutória como centrais para os estudos empíricos dos processos mentais em tradução; (c) no esforço de discernir indicadores externos de detecção de um problema tradutório por um sujeito; (d) na postulação, a partir da crítica à metodologia de Harris, de que os estudos de processos mentais em tradução deveriam levar em conta que traduzir é uma operação no nível do texto; (e) na conseqüente decisão metodológica de basear as próprias observações empíricas em traduções de textos com ampla variedade de problemas tradutórios; (f) nas perguntas de pesquisa relativas ao desenvolvimento da CT recolhidas pelo autor, as quais ele considera que os estudos processuais poderiam ajudar a responder. Os pontos (a), (b), (c) e (f) serão mais detalhados a seguir.

(a) *Argumentação em favor da importância do exame do processo tradutório como requisito para compreender o desenvolvimento da CT.*

Krings defende que uma descrição psicolinguística do processo tradutório é requisito indispensável para que se chegue a elaborar um modelo de aquisição da CT:

Enquanto não nos esforçarmos para penetrar no que até agora foi considerado como uma caixa-preta, a saber, os processos mentais do tradutor durante o ato de tradução, não seremos capazes de descobrir os princípios por trás da construção gradual da CT. (1986a: 264)

[Until we endeavor to penetrate what has so far been treated as a black box, namely the processes going on in the translator's mind while translating, we shall not be able to discover the underlying principles guiding the gradual build-up of TC.]

Ressalta-se, assim, a utilidade de ter em conta conclusões dos estudos sobre o processo tradutório em estudos empíricos e descritivos cujo objeto seja a CT e/ou seu desenvolvimento.

(b) *Estabelecimento dos conceitos de problema tradutório e estratégia tradutória como centrais para o estudo dos processos mentais em tradução.*

Krings aponta o conceito de problema de tradução como elemento fundamental dos estudos processuais. As verbalizações de seus sujeitos sobre os passos seguidos no

processo tradutório evidenciaram dois traços básicos desse processo: (1) presença de problemas tradutórios; (2) uma variedade de estratégias para resolver esses problemas.

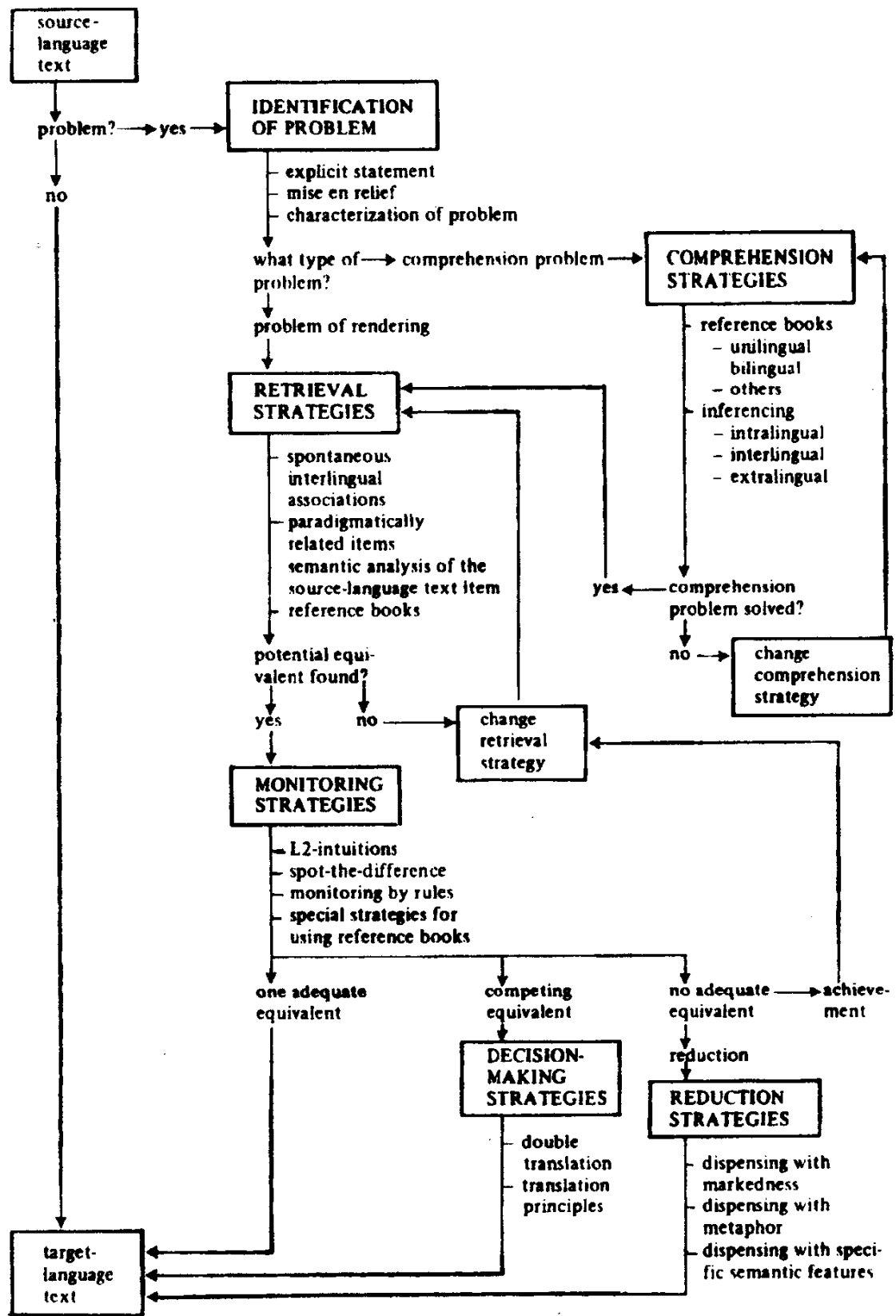


FIGURA 1. Fluxograma do processo tradutório de Krings (1986: 269).

O diagrama de fluxo proposto por Krings (*Figura 1*) mostra o processo tradutório organizado em dois grandes blocos: (1) **momentos não-estratégicos**, em que a atribuição de um equivalente na língua de chegada para um item segmentado no texto-fonte é feita instantaneamente e sem verbalização (o que indica processos automatizados, aos quais o sujeito não tem acesso consciente); (2) **momentos estratégicos**, em que o processo se organiza na forma de aplicação de estratégias diversas na tentativa de solucionar problemas encontrados.

O que a técnica usada por Krings lhe permitiu observar foram traços da fase estratégica. O conceito central dessa fase é o conceito de **problema tradutório**, já que sua identificação pelo sujeito é o que determina que uma estratégia seja aplicada.

Mais de 90% dos enunciados [verbalizações dos sujeitos nos TAPs] eram diretamente relacionados com problemas causados por itens específicos da língua do texto-fonte. Por isso escolhi esses dois conceitos, problema de tradução e estratégia de tradução, como categorias básicas para analisar o processo tradutório. (1986: 266)

*[More than 90% of the utterances were indeed directly relatable to problems caused by specific items in the source-language text. I therefore chose these two concepts, translation problem and translation strategy, as basic categories for analysing the translation process.]*

Krings explica que até aquele momento, nos Estudos de Tradução, a noção de problema de tradução era abordada basicamente a partir de dois ângulos, às vezes combinados entre si: (1) um **enfoque prospectivo**, caracterizado pela tentativa de antever problemas a partir de um exame do texto-fonte (muitas vezes em função de características contrastivas das duas línguas e culturas envolvidas); (2) uma **abordagem retrospectiva**, que se valia da análise de erros no texto-meta.

Krings considera que nenhuma dessas aproximações é satisfatória para estudar o processo tradutório. Adotar a concepção prospectiva calcada na análise contrastiva implicaria tentar descrever processos cognitivos e psicolinguísticos a partir de categorias linguísticas, que não seriam capazes de cobrir todos os fenômenos. A abordagem retrospectiva de análise de erros também apresentaria limitações, já que os dados das verbalizações dos sujeitos mostravam a ocorrência de problemas onde não havia erros e a de erros onde não havia problemas. Por isso Krings propõe que a

identificação de problemas de tradução se baseie em características intrínsecas do processo tradutório, tais como se manifestavam nas verbalizações dos sujeitos, e apresenta os onze elementos utilizados em seu estudo para detecção de problemas, ou **indicadores de problemas tradutórios** (p. 267):

1. Explicitação de um problema pelo sujeito
2. Uso de material de consulta
3. Sublinhar um fragmento do texto-fonte
4. Análise semântica de um item do texto-fonte
5. Hesitação na procura de um equivalente potencial
6. Equivalências alternativas levantadas
7. Exame de uma possível equivalência
8. Princípios específicos de tradução
9. Modificação na redação do texto-meta
10. Avaliação da qualidade da tradução escolhida
11. Elementos paralingüísticos ou não-lingüísticos (sons produzidos, suspiros etc.)

Observe-se que, no primeiro indicador, as explicitações do problema se referem a explicitações espontâneas, já que Krings não inquiria os sujeitos sobre os problemas encontrados. O levantamento de indicadores obedece a um princípio consensual sobre o uso da técnica de métodos introspectivos de verbalização de pensamentos e ações para estudo de fenômenos cognitivos: “os relatos verbais conscientes de aprendizes sobre seus próprios mecanismos internos não podem ser tomados como representações diretas do processamento interno” [*“the conscious verbal reports of learners about their own internal device cannot be taken as direct representation of internal processing”*] (Selinger, 1983: 189 *apud* Krings, 1986: 267)]. A variedade de indicadores propostos por Krings e a facilidade de sua identificação objetiva nas verbalizações dos sujeitos garantem uma boa margem de confiabilidade. A aplicação conjunta sistemática dos indicadores permite uma identificação confiável dos problemas encontrados pelos sujeitos e a contagem desses problemas. A partir dessa quantificação é possível efetuar comparações e análises.

A quantificação dos problemas evidencia uma considerável variação no número de problemas levantados pelos oito sujeitos que traduziram o mesmo texto. Em estudo publicado em 1987, Krings propõe distinguir entre (1) **problemas típicos** de um dado texto e/ou de um determinado grupo, quando determinado item textual causou

problemas para a grande maioria dos sujeitos; e (2) **problemas idiossincráticos**, que se restringem a apenas um dos sujeitos.

O outro conceito central para a análise de processos mentais, segundo Krings, é o de **estratégia de tradução**. Færch & Kasper haviam definido **estratégias comunicativas** como “planos potencialmente conscientes para resolver o que se apresenta para um indivíduo como um problema ao procurar atingir uma meta comunicativa” [*“potentially conscious plans for solving what to an individual presents itself as a problem in reaching a particular communicative goal”*] (Færck & Kasper: 1983a *apud* Krings, 1986: 268)]. Os dados de Krings confirmam que o fator “consciência” não funciona sempre para diferenciar fases tradutórias estratégicas e não-estratégicas (daí falar-se em “planos *potencialmente* conscientes”), e, a partir da definição de Færch & Kasper para estratégias comunicativas, Krings define estratégia de tradução como “planos potencialmente conscientes para resolver um problema tradutório” [*“potentially conscious plans for solving a translation problem”*] (p. 268)].

A linha vertical no lado esquerdo de seu fluxograma de processo representa a ausência de uso de estratégias, que se dá sempre quando o sujeito não encontra problemas tradutórios no item textual que está sendo tratado. Assim, para Krings, o conceito de estratégia de tradução só tem valor empírico quando vinculado ao conceito de problema de tradução, de modo que “a ausência de um problema de tradução coincide com a ausência de estratégias de tradução” [*“the absence of a translational problem coincides with the absence of translational strategies”*] (p. 268)].

As estratégias só aparecem no momento em que o sujeito identifica um problema, e então vários caminhos processuais são possíveis, como se vê no fluxograma. Esses caminhos podem passar por diversos tipos de estratégias, que Krings classifica em cinco grupos principais: estratégias de compreensão (*comprehension strategies*), estratégias de recuperação de memória (*retrieval strategies*), estratégias de monitoração (*monitoring strategies*), estratégias de tomada de decisão (*decision-making strategies*) e estratégias de redução (*reduction strategies*).

**Estratégias de compreensão** são uma conseqüência de problemas de compreensão do texto-fonte, que conduzem inevitavelmente a problemas de tradução. Uma tendência observada por Krings foi a de seus sujeitos processarem mais detida e acuradamente a compreensão do texto-fonte nos pontos em que encontravam problemas de compreensão, ao passo que, quando não se deparavam com itens desconhecidos, a compreensão parecia ser processada de maneira superficial, sem muito questionamento

sobre a adequação das escolhas feitas. Quanto aos subtipos de estratégias de compreensão, os dois principais notados por Krings foram **inferências** e **recurso a obras de consulta**. Na maioria das vezes em que os sujeitos encontravam um item desconhecido, recorriam imediatamente à consulta a dicionários. No entanto, observou-se uma considerável **variedade de procedimentos de consulta**. Um deles, observado com maior frequência, foi o de procurar o item desconhecido num dicionário bilíngüe e depois checar num dicionário monolíngüe as informações encontradas. A **inferência** consiste em procurar resolver problemas de compreensão com base nos próprios conhecimentos interlingüísticos, intralingüísticos ou extralingüísticos. Aparecia como estratégia usada quando as obras de consulta não resolviam o problema, e com muito mais frequência nas traduções da L2 para a LM. Os processos inferenciais observados por Krings em seus sujeitos não eram privativos da tradução; coincidiam com os descritos na literatura sobre estratégias de leitura em geral. Ainda com relação às estratégias de compreensão, com considerável frequência aplicava-se uma estratégia de **paráfrase do sentido global** como modo de facilitar o processamento semântico de orações complexas.

**Estratégias de recuperação de memória** (*retrieval strategies*) são definidas na literatura sobre estratégias comunicativas como tentativas conscientes de lembrar-se de um item lexical quando há alguma falha na memória. Krings lista em seus dados a ocorrência de todos os seguintes seis tipos discriminados por Esther Glan (1980): (1) esperar que o termo apareça na consciência, (2) evocar semelhanças formais, (3) evocar campos semânticos, (4) evocar outras línguas, (5) evocar situações de aprendizagem, (6) utilizar procedimentos sensoriais. No entanto, Krings nota que o uso desses tipos de estratégias se restringia aos casos de esquecimento de um item já aprendido usado para designar um objeto concreto correspondente a um único termo da L2, como no caso de “*wagon-restaurant*” <=> “*Speisewagen*” (“vagão-restaurante”). Quando a palavra ou expressão emergia na consciência, o sujeito considerava o problema resolvido. Esse tipo de recuperação de memória, diz Krings, é mais a exceção do que a regra: normalmente, “dada a falta de uma relação 1:1 entre itens das diferentes línguas, a questão na tradução é encontrar UM equivalente e não O equivalente” [*for the lack of a one-to-one relationship between items in different languages, translation turns out to be a search for AN equivalent rather than for THE equivalent*] (p. 271)]. Por isso, Krings prefere falar de “estratégias potenciais de recuperação de memória”.

A estratégia de recuperação de memória mais freqüente na tradução pareceu ser a **evocação de associações interlingüísticas fixas**, ou seja, resgatar da memória relações diretas previamente estabelecidas entre dois itens, normalmente no nível da palavra. Por exemplo, no caso da palavra alemã “*Gast*”, os dados evidenciavam que os sujeitos haviam construído previamente uma forte associação dela com a palavra francesa “*invité*” (“convidado”), considerando-as como equivalentes exatos, quando na verdade é muito freqüente que, em francês, o equivalente para o alemão “*Gast*” seja “*client*” (“cliente”) (por exemplo, em um restaurante). Evidências de associações interlingüísticas fixas foram abundantes nos dados levantados. Por isso Krings acredita que haja uma tendência psicolingüística para aquilo que Catford (1965) chamava de “**equivalente mais provável**” (*highest probability equivalent*). A hipótese explicativa de Krings para o fenômeno é a de que esses itens são armazenados conjuntamente na memória e que grupos amplos deles se organizam numa rede de associações interlingüísticas altamente estáveis [“... *that associated items are stored together and that whole sets of them build up a neat network of highly stable interlingual associations*” (p. 271)]. O desenvolvimento dessas associações fixas pode dever-se ao ensino formal, a práticas comunicativas ou a uma prática anterior de tradução.

Quando não é encontrada nenhuma associação interlingüística, os sujeitos recorrem a sinônimas, paráfrases, reformulações, hiperônimos e **procedimentos associativos** semelhantes para levantar candidatos a equivalentes. Outras estratégias para esse levantamento são ainda as buscas em dicionários, as associações com outras línguas estrangeiras conhecidas ou a evocação de situações relacionadas à palavra, muitas vezes situações de aprendizagem. Esse segundo conjunto é chamado por Krings de “**recurso a itens semanticamente relacionados**” (*recourse to semantically related items*) e, segundo o autor, sugere interessantes questões com respeito à estruturação da memória semântica.

Estratégias de ativação de memória eram muito freqüentemente seguidas por **estratégias de monitoração**, por meio das quais os sujeitos avaliavam um candidato a equivalente levantado. Na maioria dos casos de monitoração, a preocupação dos sujeitos se dirigia à relação de equivalência entre dois termos, não à adequação do termo em si ao contexto do texto-meta. Para isso, usavam principalmente a estratégia de “focar a diferença” (*spot-the-difference strategy*): comparavam o termo-fonte e o termo-meta procurando diferenças entre eles no que se refere ao sentido, às conotações, ao estilo ou ao uso. Consideravam qualquer dessas diferenças como contra-indicação do possível

equivalente. Isso, no geral, conduzia a uma nova tentativa de busca na memória. Para monitorar o candidato a equivalente, desempenhavam papel crucial as intuições e as crenças a respeito de itens da língua estrangeira, nem sempre corretas. Krings aponta que tais tipos de intuição são parte essencial da interlíngua, e lamenta que os estudos de interlíngua tenham se detido quase exclusivamente na observação de intuições sintáticas, quando na tradução a maior parte das aplicações das intuições registradas nos protocolos são de natureza semântica e não sintática. Krings observa que a monitoração por meio de regras gramaticais foi muito escassa nos dados.

**Estratégias de redução** são aplicadas quando não se consegue resolver um problema a não ser abrindo mão de algum componente formal ou funcional. Suas modalidades mais recorrentes nos dados de Krings foram substituir itens marcados por não-marcados e metafóricos por não-metafóricos.

As **estratégias de tomada de decisão** são usadas quando dois ou mais equivalentes potenciais são levantados pelo sujeito e ele não consegue encontrar critérios claros que o ajudem a escolher. Nesse caso, a maioria dos sujeitos recorreu ao que Krings chama de “princípios tradutórios” (*translation principles*). Os “princípios tradutórios” formulados por seus sujeitos mostraram-se bastante independentes de critérios semânticos, sintáticos e propriamente lingüísticos, e eram mais externos ao texto e à linguagem do que as estratégias de monitoração. Seu uso se limitou a casos em que a monitoração não havia conduzido a uma decisão. Poderiam ser formulados a partir de enunciados instrucionais do tipo: “se dois equivalentes parecem igualmente adequados, escolha o mais literal” ou “escolha o mais curto”; ou, “se um dos equivalentes aparece no dicionário bilíngüe e o outro não, escolha o que aparece” ou, “se todos os equivalentes aparecem no dicionário, escolha o que aparece em primeiro lugar”. Houve sujeitos que se valeram de princípios curiosos, como recusar-se a traduzir duas palavras sinônimas do francês com a mesma palavra do alemão. Outro caso muito particular foi uma decisão verbalizada de evitar que a tradução ficasse 10% mais longa que o original, no que se refere ao número de palavras.

Por fim, Krings aponta a existência de uma infinidade de estratégias que ainda seriam mais bem descritas nos próximos passos de seu trabalho, em curso naquele momento.

Um problema metodológico que o próprio Krings aponta em seu estudo é a existência de boas razões para se supor que o processo mental observado em seus sujeitos bilíngües proficientes não teria exatamente as mesmas características no caso de



tradutores experientes/competentes. Assim, Krings sugere que deve haver diferentes padrões de processamento mental da tradução em diferentes estágios no percurso de desenvolvimento, do sujeito sem formação ou experiência como tradutor ao tradutor competente. Krings indica então que o detalhamento de estratégias permitiria estudar o processo tradutório de uma mesma pessoa em diferentes momentos a fim de descrever e interpretar mudanças em suas estratégias tradutórias e na sua competência tradutória. “Esse tipo de estudo longitudinal do processo tradutório representaria sem dúvida uma valiosa contribuição para entender a construção gradual da competência tradutória” [*“Such longitudinal studies of the translation process will undoubtedly constitute a valuable contribution to our understanding of the gradual build-up of translational competence”* (p. 274)].

Numa série de pesquisas posteriores, vai-se procurar trabalhar não com estudos longitudinais dos mesmos sujeitos, mas com as diferenças entre vários sujeitos distribuídos numa gradação de menos a mais competentes em tradução, a partir da observação de características de produto e de processo. Falaremos de alguns dos principais neste capítulo.

Por fim, interessam-nos as questões relativas à competência tradutória e seu desenvolvimento, que, na visão de Krings, os estudos processuais ajudariam a elucidar.

[...] em que medida diferentes tipos de bilingüismo (coordenado-composto, equilibrado-parcial [*balanced-unbalanced*] etc.) indicam competência tradutória? Em que medida a CT é incrementada pelo estudo da língua estrangeira? Que tipo de experiência e resposta externa (*feedback*) são necessárias para o desenvolvimento pleno da CT? Quais são os efeitos do ensino formal da tradução sobre o processo de aquisição da CT? Como as diferenças individuais afetam o processo de aquisição, e em que medida determinam o nível de competência final atingida por um indivíduo? (1986: 263)

[... *to what degree do different types of bilingualism (co-ordinate-compound, balanced-unbalance etc.) imply TC? To what degree is TC enhanced by foreign language learning? What type of experience and external feedback is necessary to full develop TC? What are the effects of formal translation teaching on the TC acquisition process? How do individual differences affect the acquisition process, and to what degree do they determine the level of competence eventually reached by the individual?]*

Entre essas perguntas, as propostas de relação entre bilingüismo e CT serão discutidas no segundo capítulo, em conexão com a questão da interferência ou transferência negativa em tradução. As questões do efeito do ensino formal sobre o processo de aquisição da CT e do tipo de experiência necessária para o desenvolvimento da CT, por outro lado, serão centrais em toda a discussão deste trabalho.

### **1.2.2 Estratégias: proposta e resultados do estudo de Gerloff**

A qualificação de doutorado de Pamela Gerloff, *From the inside out: Using talk-aloud protocols to access second language learner translation process* [De dentro para fora: o uso de protocolos verbais para acessar o processo tradutório de aprendizes de segundas línguas], apresentada em 1984, em Harvard, é um importante marco inicial dos estudos processuais em tradução que lançaram mão do uso da técnica introspectiva dos protocolos verbais.

Parte dos resultados desse estudo piloto foram publicados por Gerloff em 1986, em um artigo no qual a pesquisadora apresenta uma proposta de classificação de estratégias de tradução, juntamente com os resultados da aplicação dessa classificação no exame de dois protocolos verbais concomitantes de estudantes norte-americanos de francês, com nível intermediário de proficiência na língua estrangeira. Entre esses dois sujeitos, um (sujeito B) havia apresentado bom desempenho em relação ao produto de uma tarefa de tradução escrita do francês (língua estrangeira) para o inglês (língua materna), enquanto o outro (sujeito A) havia produzido uma tradução incompleta e pouco coerente. Gerloff sugere que essa aplicação piloto de sua proposta de categorização de estratégias de tradução se mostra promissora como ferramenta de estudo das relações entre processo e produto em tradução, ou seja, para observar se há padrões de processamento correlacionáveis tanto a traduções bem-sucedidas quanto a produtos tradutórios problemáticos.

Como em Krings, a definição proposta por Gerloff para “estratégias de tradução” aparece vinculada ao conceito de “problema de tradução”:

Para os propósitos deste estudo, consideramos estratégias de processamento textual quaisquer comentários metalingüísticos ou metacognitivos, ou quaisquer comportamentos dirigidos à resolução de problemas encontrados durante a decodificação e a versão do texto traduzido. (1986: 252)

*[For the purposes of this study text processing strategies were considered to be any metalinguistic or metacognitive comments made or, specific problem-solving behaviors effected, during the decoding and rendering of the translation text.]*

Sua proposta distingue entre **sete grandes categorias de estratégias**, para as quais são estabelecidas subcategorias. Para que uma estratégia fosse incorporada a essa taxonomia, era preciso que aparecesse nos protocolos verbais de mais de um sujeito ou que fosse utilizada mais de uma vez pelo mesmo sujeito. Além dessas sete categorias, Gerloff abre espaço para uma **oitava**, reservada a comentários ou comportamentos “não-estratégicos”, mas que fornecem indicações do grau de comprometimento, envolvimento e concentração dos sujeitos com relação à tarefa que está sendo realizada. Além disso, a primeira das sete categorias propriamente “estratégicas” se refere à **identificação de problemas de tradução**, e também é considerada pela autora como diferenciável das demais, de modo que são apenas as categorias de número dois a sete as que Gerloff considera como autenticamente relacionadas à resolução de problemas. Apresentamos abaixo sua proposta taxonômica de oito categorias para codificação de estratégias nos protocolos verbais concomitantes:

### **I. Identificação de problemas**

1. Identificação de um subproblema (ex.: identificar uma palavra como desconhecida)
2. Identificação de um erro, um possível erro ou uma fonte de erro (ex.: identificar que a dificuldade atual se deve a uma palavra mal traduzida no parágrafo anterior)

### **II. Análise lingüística**

1. Análise sintática (ex.: comentar uma estrutura sintática, procurar a co-referência de uma palavra, formular uma regra de sintaxe)
2. Análise gramatical (ex.: identificar uma parte de discurso [*part of speech*] ou uma regra gramatical) [Parecem pouco claras as explicações, assim como a diferença entre esta categoria e aspectos da anterior e da posterior.]
3. Análise lexical (ex.: segmentar uma palavra em fonemas ou morfemas; gerar uma forma relacionada, como uma raiz verbal)
4. Analogia com o inglês [LM] (ex.: estabelecer analogia com unidade lingüística conhecida, do inglês [LM] ou do francês [L2])

### III. Armazenamento e recuperação

1. Busca na memória (ex.: procurar na memória um equivalente no francês [L2] ou no inglês [LM], identificar uma palavra como conhecida ou nunca vista, ou esperar que uma palavra emerja da memória à consciência)
2. Uso de dicionário (dizer que se usaria um dicionário em determinado ponto, em contexto em que não é permitida consulta, ou fazer efetivamente uma consulta para encontrar um equivalente no inglês, uma sinonímia no inglês ou no francês...)

### IV. Estratégias gerais de busca e seleção

1. Repetição em voz alta de uma unidade (em francês, inglês ou, alternativamente, em francês e inglês)
2. Utilização de sinônimos (ou de elaborações sobre o significado da palavra)
3. Utilização de significados alternativos (ex.: sugerir palavras com sentidos não-coincidentes como possível tradução)
4. Formulações provisórias ou de sentido geral (ex.: oferecer um significado vago para uma palavra ou segmento desconhecido, ou tentar adivinhar seu significado)
5. “Postergação” de item desconhecido (não escrever um item desconhecido, ou colocar em seu lugar preenchidores de espaço como XXXX, “não sei o quê”, espaço em branco...)
6. Comparação entre francês [L2] e inglês [LM] (comparar os dois sistemas lingüísticos ou comparar uma escolha de palavra com um padrão do inglês [LM] considerado ideal)

### V. Estratégias inferenciais e reflexivas

1. Uso de conhecimentos gerais sobre o mundo (para inquirir o texto, conjecturar significados, formular ou verificar significados hipotéticos)
2. Uso de conhecimentos provenientes da experiência pessoal (recorrer à experiência pessoal para questionar, conjecturar ou afirmar um significado)
3. Utilização da intenção do autor ou de um determinado termo empregado por ele (para questionar, conjecturar sobre ou afirmar um significado)
4. Construção de um contexto explicativo (“explicar” o texto usando uma interpretação construída a partir de usos em outros contextos)
5. Uso da estrutura do texto (recorrer à estruturação lógica do texto para predizer, conjecturar, questionar ou afirmar significados)

### VI. Apoio no próprio texto

1. Repetir informação que está num ponto anterior do texto (ou resumir informações anteriores)
2. Recorrer ao contexto oracional (procurar “pistas contextuais” em outros pontos da oração ou usar a oração como contexto para inferir significados)
3. Recorrer ao contexto do parágrafo (procurar pistas sobre o significado de um item desconhecido dentro do mesmo parágrafo ou inferir seu significado a partir do contexto oferecido pelo parágrafo)

4. Recorrer a contextos mais amplos que o parágrafo (procurar pistas sobre o sentido de um item desconhecido para além dos limites do parágrafo ou inferir seu significado a partir de informações oferecidas em pontos do texto fora dos limites do parágrafo)

#### VII. Edição

1. Correção/alteração imediata de escolhas verbalizadas (autocorrigir antes de passar para o papel uma escolha verbalizada)
2. Avaliação de congruência (checar se uma tradução faz sentido, antes ou depois de seu registro por escrito)
3. Verificação de pontuação (conferir ou comentar sobre pontuação, seja no texto-fonte ou no texto-meta)
4. Avaliação de qualidade de produto (fazer referência explícita à qualidade do produto, como por ex.: “bom”, “ruim”, “literal”)
5. Alterações no produto escrito (adições, exclusões, substituições, transposições etc. no produto escrito)

#### VIII. Monitoração da tarefa (extratextual ou linguística)

1. Comentários sobre idéias e intuições (*insights*)
2. Risadas
3. Formular opiniões ou informações pessoais sobre o texto
4. Expressão de certezas (explicitar o próprio grau de segurança sobre o produto)
5. Comentar o próprio desempenho como aprendiz (ex.: “eu sempre erro isso”)
6. Auto-instruções (dar a si mesmo instruções sobre como proceder, por exemplo: “agora preciso tentar entender isso aqui”)
7. Referir-se ou dirigir-se diretamente à pesquisadora (envolver a pesquisadora na situação, dirigindo-se a ela pessoalmente, para comentar a situação ou o texto)

FIGURA 2. Quadro do código de processamento textual (categorias e subcategorias) de Gerloff (1986: 253-54).

Gerloff ressalta que cada uma dessas categorias é aplicável tanto à **compreensão** do texto-fonte quanto à **escrita** do texto-meta, e aponta a importância de diferenciar seu uso para cada um desses casos ao examinar diferenças entre o processamento típico de novatos em contraste com o de tradutores competentes:

A distinção entre uso das estratégias para compreensão *versus* produção é importante, já que os sujeitos deste estudo pareceram trabalhar quase exclusivamente focados na compreensão, ao passo que dados preliminares sugerem que tradutores competentes colocam muito mais ênfase na produção. (p. 252)

*[The distinction between comprehension versus production goals in strategy use is an important one since the subjects in this study seemed to work almost exclusively with comprehension goals in mind, whereas preliminary data from competent translators suggested that they place much more emphasis on production goals.]*

Além dessa primeira distinção, segundo a qual tradutores competentes dedicariam mais processamento à elaboração do texto-meta, enquanto os novatos focariam predominantemente a compreensão do texto-fonte, os resultados que Gerloff obtém com seu estudo piloto de estratégias identificam outras características de processamento tradutório vinculadas à produção de melhores produtos finais.

O sujeito B produziu uma boa tradução e o sujeito A fez uma tradução incompleta e incoerente. O uso de estratégias por esses dois sujeitos mostrou diferenças em uma série de aspectos. B usou um número total de estratégias acentuadamente mais elevado que A (100 contra 37 momentos de aplicação de estratégias, respectivamente), caracterizando uma **intensidade de processamento estratégico** muito maior. Quanto ao tipo de estratégia preferida, para A o maior número utilizado concentrou-se no grupo de busca de pistas no próprio texto (categoria VI). Para B, dominaram as estratégias do grupo “estratégias gerais de busca e seleção” [categoria IV, que talvez seja mais adequado denominar “estratégias de reformulação e focalização”], especialmente nas subcategorias de repetição de unidades, atribuição de sentidos provisórios e trabalho sobre sinonímia (respectivamente). B também se valeu de maneira especialmente destacada da subcategoria de **edições** (ou revisões) **imediatas**, o que indica **automonitoramento constante**. Nenhum deles se valeu muito de análises lingüísticas. As principais estratégias de busca e seleção usadas por A foram diferentes das de B nesse mesmo grupo. Para A, as subcategorias de busca e seleção mais utilizadas foram conjecturar o sentido de uma palavra ou generalizar sentidos, além de saltar itens desconhecidos. B, por sua vez, fez pouco uso da estratégia de pular itens e se valeu intensamente da **repetição em voz alta de unidades**. Essa última estratégia, segundo Gerloff, parece funcionar como dispositivo vinculado à edição imediata, além de ser uma ferramenta que permite manter o contexto na memória. Em ambos os casos, parece facilitar a compreensão.

Sobre as estratégias predominantes no início e no final do processo de resolução de um determinado problema, B preferiu as estratégias de busca e seleção nos primeiros momentos e estratégias inferenciais como recurso final, quando outras estratégias haviam falhado, enquanto A iniciava mais freqüentemente a abordagem de problemas

com estratégias de apoio no co-texto e usava como último recurso estratégias de análise lingüística, busca e seleção, nunca optando por estratégias inferenciais.

Quanto à influência da **dificuldade do fragmento textual** sobre o uso de estratégias, o tratamento estratégico dado, por exemplo, ao segmento desconhecido “*éplucher le maïs*”, uma das maiores dificuldades para os dois sujeitos, mostrou as seguintes diferenças: A usou apenas duas estratégias e não conseguiu resolver o problema; B tentou numerosas estratégias, inclusive algumas não usadas anteriormente, aplicando de maneira integrada de duas a três subcategorias de uma mesma categoria, decodificando corretamente o segmento que havia sentido dificuldades para entender.

Por fim, examinando os comportamentos não-estratégicos da oitava categoria (“extratextual”), que reúne indicadores de **grau de concentração** e **envolvimento com a tarefa**, a diferença foi acentuada, com B mostrando alto grau de concentração e envolvimento, ao contrário de A.

Algumas informações importantes para compor o perfil qualitativo de uso de estratégias pelos dois sujeitos foram, portanto: (a) A usou poucas estratégias, B usou muitas; (b) A não usou estratégias inferenciais e reflexivas; (c) A fez poucas tentativas de resolução para cada problema encontrado, e mudou de estratégia assim que uma estratégia foi malsucedida, ao passo que B insistiu no uso de cada estratégia antes de passar a outra; (d) o grau de dificuldade do segmento textual processado pareceu não afetar a escolha de estratégias por A, enquanto a maior dificuldade de determinado segmento textual levou B a usar estratégias adicionais, especialmente inferenciais e lógicas; (e) A mostrou pouquíssimo envolvimento com a tarefa e concentração nela; B mostrou-se muito envolvido e concentrado.

Quanto à possibilidade de generalização das relações entre certos processamentos e melhores ou piores resultados na tradução, Gerloff conclui que os dados sugerem:

[...] que o sucesso de B em passagens particularmente problemáticas pode estar relacionado com seu maior apoio em inferências baseadas em conhecimento de mundo, com o volume notavelmente maior de processamento efetuado, com seu nível acentuado de concentração no texto, e com seus esforços perseverantes e contínuos para apurar a compreensão. Em contraste, o pouco volume de processamento de A, seu baixo grau de envolvimento com o texto e seu apoio em um pequeno número de estratégias geraram uma tradução menos coerente. (p. 258)

*[... that B's success with particular problem passages may have been related to his heavy reliance on world-knowledge based inferences, the sheer volume of processing done, his high level of personal involvement with the text, and his steady and continual efforts at accurate comprehension. In contrast, A's small amount of text processing, her low level of involvement with the text, and her reliance on a few standard strategies resulted in a less coherent translation.]*

### **1.3 UTs, recursividade, intensidade de processamento: Gerloff**

Em sua pesquisa de qualificação, Gerloff levou a cabo um experimento piloto com seis sujeitos, um deles bilíngüe proficiente e os outros estudantes universitários de francês como língua estrangeira, que haviam cursado aproximadamente dois anos da universidade e eram considerados por Gerloff como possuidores de um nível intermediário de proficiência na língua estrangeira.

A tarefa passada aos sujeitos foi a realização de uma tradução escrita a partir de sua LM (inglês) para a L2 (francês). Gerloff, presente durante a tarefa, recolheu dados das traduções por meio de TAPs concomitantes e realizou pequenas intervenções, destinadas apenas a incentivar os sujeitos a continuar verbalizando nos momentos em que silenciavam, por meio de perguntas como “o que você está fazendo agora?”

A principal meta desse estudo piloto foi metodológica:

desenvolver um sistema de codificação de dados que possa ser aplicado num estudo de tradução de grandes dimensões, para examinar diferenças entre as operações de processamento de tradutores profissionais, falantes bilíngües e aprendizes de segunda língua. (p. 138)

*[develop a system of coding the data which would be usable in a larger study of translation, examining differences in the text processing operations of professional translators, bilingual speakers; and second language learners.]*

Um desses sistemas de codificação, visto no item anterior, deveria permitir a identificação de estratégias de resolução de problemas. O outro sistema foi concebido para classificar e examinar sistemática e comparativamente o **tipo de unidade de tradução** usada nos processamentos mentais dos sujeitos.



As principais perguntas que a pesquisadora teve em mente foram as seguintes: (a) “o uso de certas estratégias de processamento textual está relacionada com a qualidade da tradução?”; (b) “qual o tamanho das unidades com que as pessoas trabalham quando traduzem um texto escrito?”, “elas trabalham com palavras, sintagmas, orações ou com fragmentos discursivos maiores?” (p. 135).

Com relação à primeira pergunta, para que os dados processuais analisados pudessem ser relacionados com a **qualidade do produto final**, Gerloff avaliou e classificou as traduções de seus sujeitos de maneira relativa, de pior a melhor. Os critérios de qualidade utilizados foram basicamente dois: nível de **completude** e grau de **precisão**. No artigo de Gerloff examinado aqui, publicado em 1987, a pesquisadora exemplifica sua metodologia especialmente para o sistema de análise de unidades de tradução, lançando mão, para isso, dos dados de três sujeitos: (1) o que produziu a melhor tradução entre todos do grupo (e que coincidiu com o bilíngüe proficiente, do qual Gerloff pretendia obter parâmetros de comparação para avaliar os dados dos novatos); (2) o que produziu a melhor tradução entre os estudantes; (3) o que produziu a pior tradução entre os estudantes.

O **sistema de unidades de tradução** que Gerloff propõe é composto pelos **sete níveis** a seguir: (1) morfema ou sílaba; (2) palavra (incluindo um sintagma composto de artigo + palavra); (3) sintagmas (*frases*) nominais, verbais, adverbiais, preposicionais...; (4) oração simples (*clause*), ou seja, sujeito + verbo ou sujeito + verbo + complementos; (5) oração complexa (*sentence*); (6) nível discursivo, indicado pelo processamento imbricado de duas ou mais orações complexas/completas (*sentences*), cujos indicadores seriam, por exemplo, fazer referência a uma passagem anterior do texto quando se está processando outra unidade mais adiante, ler consecutivamente mais de uma oração sem pausa entre as duas; (7) grupos não sintáticos ou aleatórios, ou seja, segmentos textuais não constituintes de uma unidade sintática completa e coerente.

Seu estudo apresenta dados interessantes quanto a diferenças de processamento de sujeitos com melhores e piores resultados.

Em primeiro lugar, mostra que o bilíngüe proficiente e que realizou a tradução de melhor qualidade é o único entre os sujeitos que processa três vezes o texto. O estudante que produziu o melhor texto processa-o duas vezes, enquanto o estudante com pior resultado processa o texto uma única vez.

O bilíngüe proficiente mostra ainda outras diferenças em relação aos demais sujeitos. No **primeiro processamento do texto**, (a) opera em maior quantidade com

unidades de tradução no **nível da palavra e da oração**, respectivamente; (b) progride mais linearmente para a frente, sem voltar muito a itens anteriores, ou seja, mostra **menos recursividade** e **menos intensidade** processual. Há indícios claros, apontados por Gerloff, de que essa fase funciona como um primeiro contato global com o texto, em que o sujeito está mais focado na **compreensão do sentido**. Na sua **segunda fase de processamento**, esse sujeito mostra um padrão processual totalmente diverso do anterior: (a) opera predominantemente com unidades no **nível dos sintagmas e dos grupos não-sintáticos**, enquanto o número de operações com unidades nos níveis da palavra e da oração complexa caem vertiginosamente; (b) executa constantes idas e vindas sobre as mesmas unidades, de modo que a progressão pelo texto é muito menos linear que na primeira fase; exibe o **processamento mais intenso** entre os três sujeitos, com o **maior índice de recursividade**. Gerloff aponta que nessa fase o principal foco do processamento foi a **reformulação na língua-meta**, ou seja, tratou-se de um processo mais de elaboração da escrita do que de compreensão. A **terceira fase** é novamente bem mais linear, com menos recursividade e menos intensidade de processamento, caracterizando claramente uma fase de retoques de **edição e revisão**. A intensidade de processamento mostrada pela alta recursividade, na forma de constantes retornos sobre uma mesma unidade segmentada no texto, fica graficamente muito clara nos diagramas elaborados por Gerloff para as verbalizações de cada sujeito, e por isso reproduzimos dois desses diagramas a seguir (*Figuras 3 e 4*).

O estudante com pior resultado de produto realizou **apenas um processamento do texto**, no qual houve predominância de processamento no nível da oração simples, nenhum trabalho de edição e aperfeiçoamento do que já havia sido redigido de forma linear e continuada, quase nenhuma recursividade e, portanto, menor intensidade de processamento. Assim, as características deste estudante menos competente assemelham-se à primeira fase no processamento do sujeito competente, como se o novato encarasse a tradução apenas como um processo de compreensão superficial, sem um real trabalho de escrita e elaboração do texto-meta. Além disso, esse sujeito demonstra evidentes dificuldades de compreensão, geradoras de equívocos de tradução que distorcem bastante o sentido do texto original.

O sujeito que produziu a melhor tradução entre os estudantes realiza dois processamentos do texto, sendo a primeira fase a que mostra elaboração intensa, com alto índice de recursividade, o que parece indicar que ele dedica a primeira fase ao

trabalho de elaboração da escrita e a segunda fase, com menos recursividade e trabalho sobre unidades mais amplas, a uma edição e revisão finais.

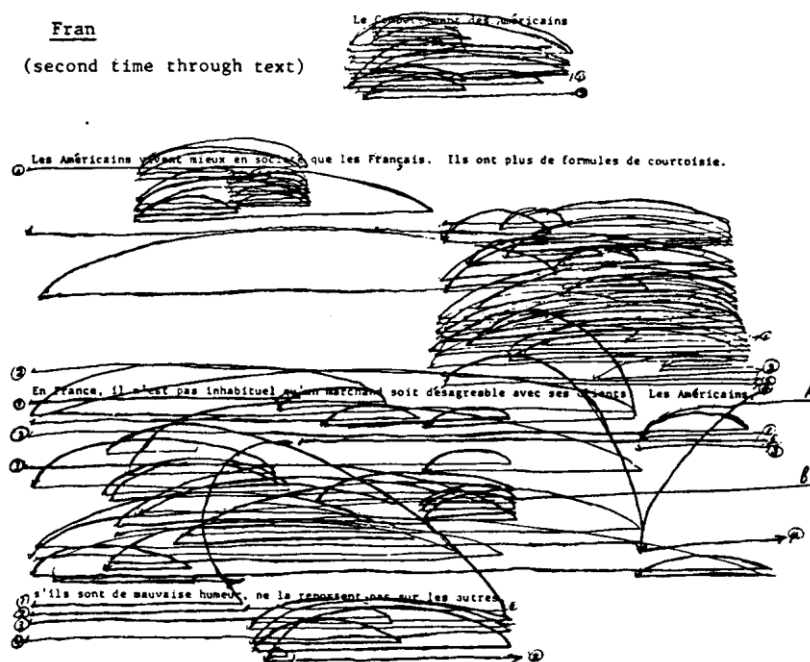


FIGURA 3. Diagrama dos padrões de movimentação durante o segundo processamento do texto pelo sujeito profissional com tradução de melhor qualidade (Gerloff, 1987: 146).

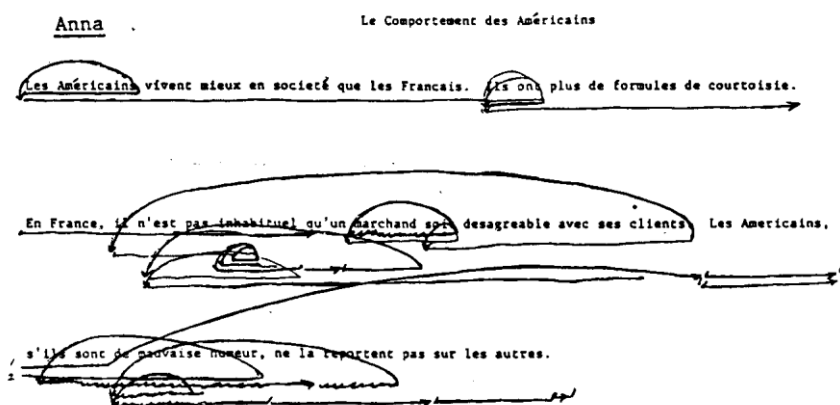


FIGURA 4. Diagrama dos padrões de movimentação do sujeito com pior qualidade de tradução (Gerloff, 1987: 144).

Por fim, a aparição da **verbalização dos grupos não-sintáticos** nos protocolos verbais aumenta de maneira diretamente proporcional ao grau de competência dos três sujeitos. Para Gerloff, a verbalização desses grupos sem unidade sintática nem de sentido, e que costumam ser constituídos predominantemente de três palavras, tem uma função estratégica, de manter um fragmento na memória de trabalho, enquanto se está realizando outros processos cognitivos para a resolução de um problema. Assim, é

significativo que o sujeito mais competente seja o que mais utilizou essa estratégia, o que mais uma vez aponta para a característica de maior intensidade de processamento.

Outro resultado interessante é o processamento de problemas de tradução, ou seja, o processamento estratégico, aparecer correlacionado com **unidades no nível de sintagmas** (segmentos com unidade e coerência sintática, de dimensões relativamente reduzidas, mas maiores que a palavra isolada).

As conclusões de Gerloff sobre o processamento de unidades em tradução são que há coincidência com o que se vinha observando na pesquisa psicolinguística sobre unidades de processamento em outros tipos de discurso escrito e falado:

Isso se mostra na acentuada preferência dos sujeitos pelo trabalho com componentes oracionais no nível do sintagma e da oração simples, assim como pelo fato de claramente operarem com vários níveis de análise, às vezes inclusive simultaneamente. (p. 152)

*[This is seen in the participants' strong preference for working with sentence constituent units at the phrase and clause levels, as well as the fact that they clearly used several levels of analysis, sometimes even at the same time.]*

Embora Gerloff conclua, como vimos, que seus dados indicam uma predominância de processamento em segmentos maiores do que a palavra, tendemos a acreditar que os mesmos dados mostram algo um pouco diferente: que a compreensão se processa de forma a que segmentos bastante extensos (orações complexas) sejam necessários para que o sujeito realize a atribuição dos sentidos das palavras (operações de desambiguação), daí que o sujeito mais competente mostre na primeira fase, em que está trabalhando com os sentidos do texto-fonte, uma predominância tão evidente de processamento de unidades no nível da oração completa **e da palavra**. O processamento dos dois níveis se faz **conjuntamente**, em rápidas sucessões em espiral de operações *top-down* e *bottom-up*. Um indício da inter-relação, simultaneidade e equilíbrio entre o processamento de orações completas e palavras no caso do sujeito competente é que ambos caíam vertiginosamente e conjuntamente na segunda fase, como se pode ver no gráfico de Gerloff reproduzido na *Figura 5*.

Por outro lado, o trabalho de lapidação do texto feito pelo bilíngüe proficiente com o melhor resultado de tradução, na sua segunda fase de processamento (que Gerloff identifica como uma fase mais propriamente de elaboração da escrita do texto-meta, de

busca da melhor forma de expressão dos sentidos compreendidos na primeira fase), parece levar em conta as “colocações” (*collocation*), a idiomaticidade de combinações que costuma ocorrer fortemente em níveis sintagmáticos (por exemplo, se este ou aquele adjetivo é usado com este ou aquele substantivo, se é esta ou aquela a preposição que costuma reger este ou aquele verbo ou substantivo na língua-meta), ao mesmo tempo que exige um grande esforço de concentração da memória, daí que nesta fase predominem, nos protocolos do sujeito proficiente, as **segmentações em sintagmas** e a grande recursividade sobre sintagmas, como se viu anteriormente na *Figura 3*.

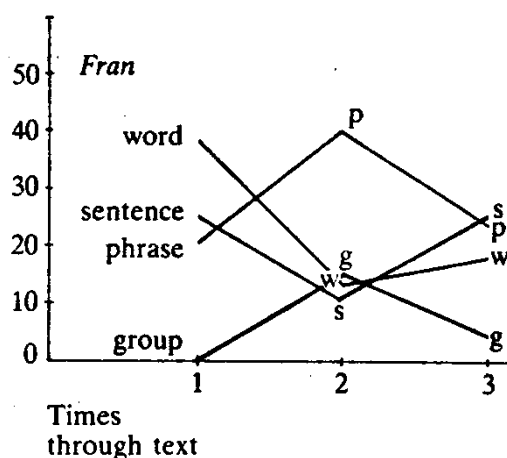


FIGURA 5. Gráfico da segmentação de UTs do bilíngüe proficiente com a melhor tradução, para os três processamentos do texto (Gerloff, 1987: 151).

Por fim, de grande interesse para nós são as evidências encontradas por Gerloff nos protocolos de que há momentos de **processamento de categorias discursivas**, ou seja, para processar uma unidade, por exemplo, do final do texto, o sujeito pode precisar levar em conta uma unidade do início do texto, bastante afastada da oração ou mesmo do parágrafo no qual se encontra a unidade em que está focado naquele momento. Retomaremos essa característica do processamento de unidades de tradução ao falar da proposta de “unidades funcionais” de Christiane Nord.

#### 1.4 Conhecimento de mundo nas decisões: Tirkkonen-Condit

Em 1989, Tirkkonen-Condit publica o resultado de um estudo piloto realizado com dois objetivos gerais: (1) comparar processos tradutórios de sujeitos aos que chama

de “profissionais” e “não-profissionais”, para identificar as principais diferenças entre esses processos; (2) observar processos mentais que aparecem correlacionados a traduções de boa qualidade (*successful products*).

Seu estudo piloto parte de uma hipótese principal construída com base em três estudos anteriores, com o intuito de testá-la empiricamente. Para isso se vale da observação de certas categorias nos protocolos verbais de três sujeitos que realizaram a mesma tarefa tradutória do inglês [L2] para o finlandês [LM].

A hipótese principal de Tirkkonen-Condit é a de que a **natureza dos critérios para tomada de decisão** é um dos principais diferenciais entre processos tradutórios de profissionais e não-profissionais, no sentido de que o papel de **critérios de tipo não-lingüístico** será diretamente proporcional ao grau de profissionalismo:

[...] a diferença entre profissionais e não-profissionais apareceria nos processos conscientes de tomada de decisão, sendo que profissionais tomariam mais decisões de tipo não-lingüístico, isto é, decisões baseadas principalmente em conhecimentos diversos dos conhecimentos sobre os dois sistemas lingüísticos ou do contexto imediato do texto-fonte. (p. 78)

[... *the professional and non-professional difference would show in the conscious decision-making in that professionals turn out more “non-linguistic” decisions, i.e. decisions which are based primarily on other knowledge than the knowledge of the two language systems or the immediate context of the source text.*]

Vale observar que, embora Tirkkonen-Condit não formule sua questão em termos de CT, é suficientemente claro que o conceito de CT tem importantes pontos de contato com o que designa como “profissionalismo”. Na verdade, são selecionados sujeitos com diferentes graus de desenvolvimento da CT, de modo que o índice de desenvolvimento da CT é uma das variáveis de seu estudo piloto.

O procedimento inicial para estabelecer graus de CT é considerar o tempo de estudo num curso de formação de tradutores: dois alunos de primeiro ano *versus* um aluno de quinto ano. Combina-se esse parâmetro com um exame de qualidade de produto (*on the basis of finalized translations*), cujos critérios não são explicitados no artigo. Classificam-se finalmente os três sujeitos numa gradação: não-profissional, semiprofissional, profissional.

A hipótese central desse estudo experimental é construída por Tirkkonen-Condit ao colocar em diálogo as conclusões dos estudos de Krings (1986), de Gerloff (1986) e de Gibb (1985). Segundo a autora, pode-se dizer que Krings e Gerloff observaram processos de sujeitos não-profissionais, enquanto Gibb analisou durante dois anos tradutores profissionais em seu ambiente de trabalho.

O livro de Krings é apontado por Tirkkonen-Condit como o estudo mais abrangente realizado sobre processos tradutórios com base em protocolos verbais até aquele momento. Como vimos, Krings trabalhou sobre protocolos verbais de estudantes de francês como língua estrangeira, que estavam prestes a finalizar o último ano de um curso universitário de formação de professores para o ensino secundário. Essa seleção de sujeitos parece ter partido da suposição inicial de uma coincidência entre competência bilíngüe e competência tradutória. No entanto, seus sujeitos não tinham experiência com tradução direta e, além disso, acabaram mostrando proficiência lingüística insatisfatória para realizar a tarefa. Diante desse perfil dos sujeitos, muitas das características de processo observadas não se mostraram generalizáveis a profissionais, como o próprio Krings admitiu. Tirkkonen-Condit aponta que, por outro lado, o estudo de Krings fornece interessantes parâmetros para descrever procedimentos tradutórios típicos de não-profissionais, como (para a tradução direta): (1) proficiência lingüística insuficiente; (2) grande concentração de problemas tradutórios na fase de compreensão, causados por itens lexicais ou expressões da língua estrangeira desconhecidos para o sujeito; (3) utilização do dicionário bilíngüe como principal estratégia para resolver problemas de compreensão e de produção, em vez de informação contextual ou extratextual.

Segundo Tirkkonen-Condit, Gerloff (1986) também trabalhava, em seu estudo piloto, com sujeitos que não poderiam ser considerados profissionais. No entanto, a diferente qualidade das traduções desses dois sujeitos permitiu a Gerloff vislumbrar a correlação de certas características processuais com o maior grau de desenvolvimento de CT. As características destacadas por Tirkkonen-Condit como correlacionadas com a melhor tradução, no estudo de Gerloff, são: (1) apoio em inferências baseadas em conhecimento de mundo; (2) processamento mais intensivo; (3) esforço para aperfeiçoar a compreensão.

Especialmente a característica (1) poderia ser contrastada com a tendência dos não-profissionais a encarar a tradução principalmente como um exercício lingüístico e a efetuar pouco processamento inferencial baseado em conhecimento de mundo. A

combinação entre esses dois dados dá o desenho inicial da hipótese de Tirkkonen-Condít, que é reforçada a partir de conclusões do estudo de Gibb (1985).

Gibb (1985) observou o trabalho de tradutores profissionais durante dois anos, procurando estabelecer quais das tarefas de seu dia-a-dia poderiam ser aceleradas pela informatização. Conclui que apenas 35% das tarefas se mostraram passíveis de informatização, enquanto 65% mostraram ser tipicamente humanas, por envolver processos de tomada de decisão, como pesquisa, planejamento, avaliação, revisão, edição. O estudo de Gibb volta a apontar na direção de uma característica importante da CT em seu estágio de maior maturação, a de mais tomada de decisões por parte dos profissionais, muitas vezes com base em critérios não-lingüísticos e concentrando-se em aspectos de processamento menos automatizáveis e mais tipicamente humanos. Os processamentos mais propriamente lingüísticos seriam mais automatizados e não apareceriam tanto na superfície dos protocolos verbais desses profissionais, na hipótese de Tirkkonen-Condít:

[...] a proficiência lingüística dos tradutores profissionais em suas línguas de trabalho normalmente é tão boa que as decisões lingüísticas são tomadas automaticamente e podem não aparecer na superfície dos protocolos. (p. 78)

[... *professional translators' proficiency in the working languages is normally so good that the linguistic decisions are made automatically and might not surface in the protocols.*]

Embora com base em um número muito reduzido de sujeitos (apenas um representante para cada tipo), o estudo de Tirkkonen-Condít mostra a tendência, que reforça a hipótese inicial, de uma maior quantidade de tomadas de decisão e maior proporção de tomadas de decisão baseadas em conhecimento de mundo (*versus* decisões propriamente lingüísticas mais automatizadas) como diferencial entre profissionais e não-profissionais (no âmbito deste estudo, podemos dizer “como índice de desenvolvimento de CT”). Em suas próprias palavras, as principais conclusões são:

[...] a atenção a fatores extralingüísticos como parâmetro decisivo para escolhas lingüísticas específicas cresce com o profissionalismo. (p. 84)



[... awareness of extralinguistic factors as determinants of specific linguistic choices grows with professionalism.]

O profissional se apóia em seu conhecimento enciclopédico para resolver problemas de interpretação, enquanto o não-profissional tende a abordar a interpretação como uma tarefa lingüística. (p. 84)

[The professional relies on her encyclopaedic knowledge in solving problems of interpretation, whereas the non-professional tends to approach interpretation as a linguistic task.]

### 1.5 Adequação à tarefa tradutória: o estudo de Jääskeläinen

Publicado também em 1989, o exame de dados de protocolos verbais de Jääskeläinen faz outro tipo de recorte na observação das diferenças entre “não-profissionais” e “profissionais”. O aspecto que lhe interessa observar é em que medida seus sujeitos se mostram sensíveis à **importância da finalidade** específica do texto de chegada (*translation task*) para as decisões tradutórias. Jääskeläinen se pergunta se, nesse aspecto, é possível observar diferenças entre processamentos/comportamentos de tradutores profissionais e não-profissionais. Seu estudo piloto tem como hipótese principal o funcionamento da **sensibilidade para as exigências do encargo de tradução** como um indicador do grau de profissionalismo do tradutor, inclusive porque o princípio de que a finalidade de um texto é um dos fatores mais importantes para a tomada de decisões em tradução é bastante enfatizado na formação de tradutores em seu contexto de trabalho, na Finlândia.

Jääskeläinen explicita o vínculo teórico dessa visão e de sua hipótese com a teoria da finalidade de Reiss & Vermeer (1984), que postula que é mais importante atingir o propósito comunicativo de uma tradução que usar este ou aquele método. Esse princípio implica que, quando há modificações na função do texto-meta com relação à função do texto-fonte, o procedimento de realizar modificações, mesmo grandes, não apenas pode ser plenamente justificável como pode ser a atitude mais adequada.

O que parece mais interessante na proposta de Jääskeläinen, do ponto de vista da CT e seu desenvolvimento, é que a **sensibilidade à finalidade da tradução** – a capacidade de detectar e realizar com eficácia as mudanças exigidas pela especificidade

de uma tarefa tradutória pontual – é um dos pontos em que o conhecimento do tradutor tem considerável **independência da proficiência bilíngüe**, no sentido de aquele não ser dado *a priori* por esta. Trata-se de um conhecimento (por mais intuitivo que seja) bastante **específico da CT**, e talvez um dos principais diferenciais para explicar por que o bilingüismo não garante por si só bons resultados ao traduzir.

Jääskeläinen trabalha com os protocolos verbais de quatro estudantes universitárias do mesmo curso de formação de tradutores, duas delas alunas do primeiro ano, consideradas não-profissionais, e duas do quinto ano, consideradas profissionais. A justificativa de Jääskeläinen para classificar as estudantes de quinto ano como profissionais foi a de que, ao chegar ao último ano de formação, elas haviam cursado várias disciplinas de prática de tradução, assim como de teoria de tradução, acumulando portanto grande experiência e reflexão teórica. Além da formação e da experiência prática na universidade, suas boas notas nessas disciplinas foram consideradas como índice de profissionalismo. No caso das alunas de primeiro ano, houve a preocupação de certificar que elas realmente não tinham experiência com tradução e nem conhecimento teórico algum.

O estudo de Jääskeläinen mostra também maior refinamento nos critérios de atribuição de graus de profissionalismo dos sujeitos no seguinte aspecto: a avaliação de qualidade das traduções produzidas é feita por uma pequena equipe de cinco pessoas, duas professoras do curso de formação de tradutores e uma mesa de três estudantes de último ano do curso de inglês.

A tradução foi realizada do inglês (L2) para o finlandês (LM). Os sujeitos receberam um texto precedido de instruções que explicitavam que o pequeno artigo havia sido originalmente publicado em inglês numa revista de divulgação científica (era possível inferir que se destinava a um público não-especializado, mas com boa formação intelectual), e que seria traduzido para publicação num dos jornais de maior circulação na Finlândia (de perfil bastante popular), numa coluna de curiosidades internacionais (podendo-se supor um público-alvo de perfil bastante variado, nem sempre com boa formação intelectual). Assim, a função do texto-meta sofria uma ligeira modificação com relação à função do texto-fonte, e essa modificação tinha implicações para decisões tradutórias relativas a detalhes mais propriamente científicos do artigo, assim como para decisões sobre o estilo (registro utilizado) da tradução.

A análise dos dados confirmou a hipótese de Jääskeläinen para os sujeitos profissionais: tanto em aspectos do produto quanto do processo, mostraram

**consideração da finalidade da tarefa para tomada de decisões** ao longo de todo o processo de tradução, assim como grande adequação de suas opções à tarefa de tradução, especialmente omissões e escolhas acertadas de estilo/registo, cujos motivos explicitados nos protocolos eram a consciência da especificidade daquela tarefa, seu público virtual, seu lugar de publicação...

No caso dos sujeitos não-profissionais, a expectativa de Jääskeläinen foi apenas parcialmente confirmada: eles mostraram menos consciência e adequação funcionais no produto e no processo em comparação com estudantes de quinto ano, mas, por outro lado, mostraram-se bastante mais alertas quanto à finalidade do texto do que os sujeitos não profissionais dos estudos de Krings e Gerloff.

Krings havia observado que seus sujeitos não mostravam consciência adequada dos problemas de tradução, o que se manifestava em sua tendência a **traduzir sem ter chegado a entender** de fato o texto. Mesmo traduzindo para sua LM, não tiveram preocupação com a qualidade do texto-meta e haviam mostrado indiferença quanto ao público da tradução, o que Krings considerou como “percepção inadequada dos problemas de tradução” (*inadequate translational problems aware*). Por aparente **falta de consciência sobre problemas de tradução**, recorreram a princípios tradutórios muito peculiares e a critérios de decisão arbitrários, como escolher entre alternativas aparentemente equivalentes de tradução a mais literal ou a mais breve, como vimos.

Gerloff relatava, sobre seus sujeitos, que apenas um, com alta proficiência bilíngüe, havia mostrado preocupação com a qualidade e o potencial expressivo do texto de chegada, enquanto os demais cinco estudantes de nível intermediário de francês haviam se concentrado apenas na compreensão do texto-fonte.

Os sujeitos não-profissionais observados por Jääskeläinen, em contraste, mostraram-se preocupados com a produção, e não apenas com a compreensão, e tiveram cuidado com a qualidade do texto-meta, embora **nem sempre com bons resultados, pela pouca familiaridade com os princípios básicos da tradução**. Por isso, Jääskeläinen, por um lado, considera seus sujeitos como semiprofissionais e, por outro, sugere, com base também em resultados de Tirkkonen-Condit (1989), que “mesmo tradutores não-profissionais começam a se perguntar sobre o público-alvo da tradução ao encontrar problemas que só podem ser resolvidos a partir desse parâmetro” [*“even non-professional translators start asking questions about the intended audience of the translation once they encounter problems which can only be solved on that basis”* (p. 96)]. O desenho de seu experimento, portanto, pode ter favorecido que não-profissionais

mostrassem atenção a parâmetros para os quais não manifestaram consciência no estudo de Krings simplesmente porque lá não se especificava a tarefa.

Esta última hipótese, combinada com um excesso de literalidade detectado por uma das avaliadoras também nos textos das duas estudantes de quinto ano (profissionais), leva Jääskeläinen a fazer interessantes reflexões finais em seu estudo, no que diz respeito à formação de tradutores. O excesso de literalidade nas competentes traduções das alunas de quinto ano poderia estar associado com a **falta de variedade de tarefas tradutórias** nos exercícios propostos ao longo da formação de tradutores. Embora os exercícios sejam passados com instruções sobre sua finalidade, esta costuma ser sempre similar à função do texto-fonte, de modo que **a tradução não requer modificações substanciais**. Essa falta de variedade de tarefas não favorece aos estudantes um treinamento de sua flexibilidade e criatividade. A **importância da variedade**, aponta Jääskeläinen, já havia sido enunciada por Toury da seguinte maneira:

[...] é bastante natural que cada tipo de situação de tradução produza um conjunto *diferente* de restrições e normas. Em conseqüência, quanto maior a variedade de situações a que um tradutor é exposto, maior será a amplitude e a flexibilidade de sua habilidade prática, ou capacidade de adaptação a normas mutáveis. (1984: 191 *apud* Jääskeläinen, 1989: 96)

[... *it is only natural that each type of translation situation should produce a different set of constraints and norms. Consequently, the greater the variety of situations that a translator is put into, the greater the range and flexibility of his or her ability to perform, or adapt to changing norms is going to be.*]

Por isso, a interessante conclusão de Jääskeläinen é a de que:

[...] pode ser uma boa idéia aplicar mais exercícios de tradução com uma função claramente diversa daquela do texto-fonte, para encorajar o futuro tradutor a se libertar das restrições da estrutura e do estilo do texto-fonte. (p. 96-97)

[... *it might be a good idea to have more translation exercises with a clearly different function from that of the source text to encourage the translators-to-be to forget the confines of the structure and the style of the source text.*]

## 1.6 Erros de profissionais e novatos: Séguinot

Séguinot se interessa pela análise de erros em tradução. Em aprendizagem de língua estrangeira, Corder (1983) havia apontado a capacidade que os erros têm de dar indícios de processamento mental, lançando luzes sobre o estado da interlíngua que subjaz às produções na língua estrangeira e permitindo que o pesquisador vislumbre a dita “caixa-preta” dos processos mentais. Séguinot formula uma idéia semelhante referindo-se à análise de erros em tradução: os erros podem ser “janelas” para os processos mentais.

Em 1989 Séguinot publicou um relato da observação de um profissional em seu ambiente de trabalho. A pesquisadora chegou, nesse momento, a algumas conclusões importantes. Em primeiro lugar, encontrou indícios de que, ao contrário do que se costuma supor em Estudos de Tradução, os processos mentais do intérprete (da interpretação simultânea) não devem coincidir com os do tradutor (da tradução escrita).

Na formulação de Lederer (1981), o intérprete começa efetuando operações de pura transcodificação, até que ocorre um “clique” e ele começa de fato a interpretar (Séguinot, 1990: 69). Seleskovitch (1976), pioneira no interesse pelos processos mentais em interpretação simultânea, propunha uma separação entre formas da língua-fonte e seus sentidos, a qual caracterizaria a capacidade de “desverbalização”, uma etapa essencial do processo da interpretação simultânea. Assim, o intérprete não operaria com uma transferência da forma lingüística da língua-fonte à forma lingüística da língua-meta, mas mediante essa etapa essencial de abstração das formas, que se daria numa instância de memória em que os sentidos estariam “desvestidos” de materialidade lingüística.

Se o processo de interpretação realmente opera assim, começando com a transcodificação até que se passa a operar de maneira menos amarrada às formas lingüísticas, então o processo de tradução pareceria ser inverso, considera Séguinot com base em indícios dos dados do produto de seu sujeito profissional. Esses dados mostram que os tipos de erros cometidos por esse sujeito profissional no início de uma oração não eram os mesmos do final das orações. Seu sujeito visivelmente mostrava mais interferências devidas a automatismos ao final das orações, as quais ele corrigia posteriormente. “O que esse tipo de erros mostra é que o tradutor estava trabalhando mais de perto com o texto escrito ao aproximar-se do final das orações” [*What these kinds of errors show is that the translator was working more closely with the written*

*text near the end of sentences*” (p. 69)]. Séguinot supõe que esse fenômeno esteja relacionado a restrições de memória de trabalho, e propõe a seguinte hipótese:

Uma explicação plausível para essa constatação é a de que o ato de tradução gera um tipo de impulso autopropulsor semelhante ao do ato de escrita. Ao mesmo tempo, o tradutor tem que lidar com os limites da memória de trabalho. Quando essa memória começa a se esgotar, o tradutor pode passar a transcodificar. (p. 69)

*[A plausible explanation for this finding is that the act of translating creates a kind of self-propelling impulse like the act of writing. At the same time the translator has to work with the constraints of short-term memory. When that memory begins to fade, the translator may turn to transcoding.]*

Posteriormente, em 1990, Séguinot divulga os primeiros resultados de uma coleta de dados longitudinal feita entre estudantes de tradução de sua universidade ao longo de cinco anos, e que até aquele momento reunia dados de 151 sujeitos, com análises já realizadas das traduções dos mais fracos e daqueles com melhores resultados.

As perguntas que Séguinot se coloca para este estudo são as seguintes: “Estudantes de tradução [...] usam estratégias diferentes dos profissionais de tradução? É possível que eles aprendam estratégias profissionais na faculdade, ou algumas estratégias só se desenvolvem com a prática?” [*“Do translation students ... use different strategies from professional translators? Can they learn to use professional strategies in school, or do some strategies only develop with practice?”*] (p. 70)].

Assim, Séguinot trabalha com três diferentes parâmetros do chamado “profissionalismo” em tradução, considerando (1) dados do trabalho cotidiano de um tradutor realmente experiente e atuante no mercado de trabalho, com uma boa colocação profissional; (2) dados de bons estudantes de tradução ao longo de seus anos de formação universitária, sendo que ao final dela alguns desses sujeitos já estavam atuando de fato como tradutores profissionais; (3) dados de estudantes de tradução fracos, ao longo de seus anos de formação universitária. Além disso, em contraste com os estudos anteriores examinados neste capítulo, neste estudo, cujos primeiros resultados são divulgados em 1990, trabalha-se com um grande volume de sujeitos e dados, com a exceção do tradutor profissional observado em 1986, que serve como parâmetro de comparação.

Quanto aos erros que diferenciam os estudantes fracos dos bons, os dados apontam claramente: são erros gramaticais na primeira língua (LM), que mostram que esses sujeitos trabalharam acessando as palavras e os morfemas em sua superfície material (fonética, gráfica) mais do que semanticamente, com compreensão limitada do texto-fonte, vocabulário limitado e, o que nos interessa especialmente aqui, usando estratégias de processamento focadas na palavra isolada.

Ao comparar traduções do mesmo fragmento feitas pelos melhores estudantes no primeiro ano com as que esses mesmos estudantes fizeram no quarto ano, Séguinot nota um fenômeno desconcertante: algumas das soluções tradutórias são piores no quarto ano do que nos mesmos fragmentos traduzidos pelo estudante quando cursava o primeiro ano. Os exemplos que oferece mostram (1) traduções inadequadas de itens lexicais, claramente influenciadas pelas formas da segunda língua no texto-fonte, ou seja, claros fenômenos de interferência motivada por falsos cognatos; (2) erro de concordância de número. No entanto, Séguinot nota que, ao mesmo tempo, as traduções dos estudantes no quarto ano mostram **melhoras na sintaxe** e, para um deles, observa-se também **atenção maior ao estilo do texto** no último ano, o que pode indicar que esses estudantes com melhor desempenho estão aprendendo a dirigir sua atenção a esses aspectos da linguagem ao traduzir.

Estudantes de tradução são produto de cursos de línguas, e é normal que, no início, apliquem estratégias próprias dos cursos de línguas. Isso explicaria, melhor do que a natureza do processo tradutório, por que os alunos recorrem a equivalências preestabelecidas. Os melhores alunos procuram pôr em prática os princípios que aprenderam em seus cursos de tradução. No entanto, eles podem não ter experiência suficiente para conseguir monitorar automaticamente os erros de superfície ao mesmo tempo que traduzem. Como a capacidade de processamento é limitada, não é de estranhar que a concentração consciente em um aspecto lingüístico possa significar menos atenção a outros aspectos, e daí a possibilidade de que um estudante cometa diferentes tipos de erros em diferentes estágios de desenvolvimento. (p. 72)

*[Translation students are the product of language courses, and it is natural that as beginners they apply the strategies appropriate to their language courses. This, rather than the nature of the translating process, would explain why students first try out fixed associations. The better students try to apply the principles they learn in their translation classes. However, they may not have enough experience to be*

*able to automatically monitor their work for surface errors at the same time they translate. Given the fact that processing capacity is limited, it would make sense that concentrating consciously on some aspect of language would mean less attention paid to other aspects, and therefore the possibility of a student making different kinds of errors at different stages of development.]*

Para Séguiot, o que esses erros combinados com as melhoras mostram, no caso de bons alunos em final de curso, é que o curso universitário está produzindo mudanças efetivas nos procedimentos tradutórios desses estudantes.

No entanto, ainda se notam diferenças entre o processamento desses bons estudantes e o do sujeito profissional observado em 1986. Ao chegar ao final do curso, os alunos costumam já ter passado por algum tempo de estágio de tradução como parte do currículo universitário, e alguns deles inclusive já trabalham como tradutores. Mesmo assim, os dados mostram poucos indícios de que a localização na oração mude o tipo de erros cometidos, como se observava no processamento profissional, em 1986. Isso pode indicar que há características de processamento que os profissionais só adquirem com tempo de experiência, ao ter que desenvolver um ritmo mais intenso devido ao grande volume de trabalho.

## **1.7 Discurso e cognição no desempenho de novatos: Alves & Magalhães**

Em estudo publicado em 2004, Alves & Magalhães fazem uma análise cruzada de dados de produto e dados processuais, procurando descrever características discursivas e cognitivas no desempenho de tradutores novatos.

Nos quase vinte anos transcorridos desde as primeiras pesquisas processuais comentadas nos subitens anteriores, acumularam-se críticas à técnica dos protocolos verbais concomitantes, apontada como uma técnica que altera o processamento natural da tradução, devido ao esforço cognitivo extra requerido pela verbalização, que pode interferir inclusive nas medidas de tempo, as quais fornecem importantes parâmetros para a análise dos processos mentais em tradução. Ao mesmo tempo, foram elaboradas ferramentas informáticas que abrem novas possibilidades de coleta de dados processuais. Influenciados pelas críticas aos protocolos verbais concomitantes, Alves &



Magalhães optaram por fazer sua coleta de dados processuais usando uma dessas ferramentas informáticas, o programa *Translog*.

O *Translog* permite que o tradutor trabalhe como se estivesse usando um editor de textos, enquanto registra todos os movimentos de teclado em tempo real. Com base nisso são fornecidas medidas de tempo, como tempo total gasto da tradução, tempos de pausa e sua localização. Terminada a gravação da tradução, o *Translog* permite reproduzir na tela todos os passos da digitação do texto em tempo real ou em diferentes velocidades aceleradas<sup>4</sup>.

O procedimento de Alves & Magalhães para a obtenção de dados processuais foi coletar protocolos verbais retrospectivos dos sujeitos, solicitando que cada um comentasse sua tradução enquanto visualizava o *replay* apresentado pelo *Translog* na tela do computador, imediatamente depois de terminada a tarefa, e gravando esse comentário em fitas, posteriormente transcritas. No *Translog*, como no caso de um editor de texto, é possível obter a tradução digitalizada e com isso aplicar ferramentas informáticas para análise de *corpus* lingüístico, como o *WordSmith Tools*, possibilidade também explorada por Alves & Magalhães em seu estudo.

Os dados de Alves & Magalhães foram coletados junto a dezessete sujeitos novatos, com as seguintes características: “perfis semelhantes, isto é, níveis similares de proficiência na L1 e na L2, algum treinamento formal em prática de tradução e absolutamente nenhuma experiência profissional” [“*similar proficiency levels in both L1 and L2, some formal training in translation practice and absolutely no professional experience*” (p. 186)].

Os sujeitos traduziram um extrato de 63 palavras de texto jornalístico sobre Osama Bin Laden, do inglês (L2) para o português (LM). O pequeno texto organizava-se de modo a formar uma representação de Bin Laden, baseando-se em transformações ao longo de três períodos de sua vida, da infância até o momento dos atentados em Nova York. Três fragmentos-chave para a criação dessa imagem de Bin Laden (representação) foram selecionados para análise, e foram observados os quatro pontos seguintes: (1) padrões de distribuição de tempo entre as fases de orientação, escrita e revisão da tradução; (2) estratégias de resolução de problemas e tomadas de decisão; (3) ritmos cognitivos no desempenho dos sujeitos; (4) características cognitivas e discursivas com respeito à consciência crítica da linguagem.

---

<sup>4</sup> Mais detalhes sobre o *Translog* serão fornecidos no Cap. 8 (8.9.2).

Entre as hipóteses do experimento estava a de que, por sua pouca experiência, os sujeitos mostrariam **grande variação intersubjetiva na distribuição de tempo** entre as três fases de produção da tradução, sem proximidade com o padrão de distribuição de tempo entre essas três fases detectado como típico de tradutores experientes (Jakobsen: 2002). Outra hipótese determinava que os sujeitos mostrariam **pouco instrumental para análise textual e discursiva e baixo índice de consciência crítica da linguagem** (*critical language awareness*), sendo que este último traço se manifestaria na **ausência de metalinguagem** indicativa do instrumental produtivo para análise textual, assim como na qualidade das soluções tradutórias apresentadas para os trechos em que se construía a representação de Bin Laden no texto.

Os dados mostraram padrões muito diferentes de distribuição de tempo entre as três fases para os dezessete sujeitos. Num primeiro momento, Alves & Magalhães analisam os textos produzidos pelos dois sujeitos com alocação de tempo mais excêntrica com relação aos padrões estabelecidos por Jakobsen tanto para tradutores experientes quanto para tradutores novatos, e constatam que esses sujeitos mostraram falta de critérios objetivos para a resolução de problemas e para a tomada de decisões ao lidar com os os problemas de tradução dos fragmentos selecionados. A retextualização da representação construída para Bin Laden no texto-fonte é amplamente influenciada por inferências subjetivas de cada um dos sujeitos, pouco fundamentadas nos sentidos possíveis do texto-fonte e claramente guiadas por suas opiniões pessoais sobre Bin Laden. As verbalizações mostram a esperada falta de metalinguagem indicativa do instrumental para análise textual e discursiva:

[...] tradutores novatos retextualizam essas colocações baseados mais em suas próprias suposições do que nas pistas textuais. Acreditamos que o fazem por não estarem conscientes de que as palavras se combinam com outras palavras para construir sentidos. [...] Eles tampouco se mostram capazes de analisar os problemas encontrados com base em categorias discursivas que poderiam fazer com que sentissem maior controle sobre o texto. Isso pode ser visto na escassez ou falta total de metalinguagem em seus protocolos. (p. 205)

[... *novice translators produce renditions for these collocations based not so much on textual clues as on their individual assumptions. We believe that they do that because they are unaware of the fact that words are combined with other words to construct meanings. ... They are also unable to analyse the problems they face on*

*the basis of discourse categories that could make them feel in control of the text.  
This can be seen in the scarcity or lack of use of metalanguage in their protocols.]*

Alves & Magalhães passam a analisar as traduções dos fragmentos de outros três sujeitos, cujas medições das três fases de tradução se aproximavam de padrões considerados pelos autores como mais equilibrados. Constatam que esses sujeitos mostram as mesmas características processuais e discursivas observadas nos primeiros sujeitos analisados.

De especial interesse entre as características descritas parece ser a de que todos esses sujeitos novatos mostraram uma tendência a **traduzir linearmente** na fase de redação, **sem recursividade**, e de maneira automática (*online*), com indícios de **pouco processamento reflexivo**. De fato, os dados apresentados mostram os sujeitos bastante presos à ordem de palavras do texto-fonte e também sugerem que o processamento está acontecendo mais no nível da palavra que da frase.

Outra característica que nos interessa aqui: os autores apontam que, mesmo quando o tempo alocado para a revisão é grande, há poucas alterações significativas no texto produzido na fase de redação, e não se consegue de fato, com a revisão, grandes melhorias.

Embora Alves & Magalhães não apontem essas características, há indícios nos dados apresentados de que alguns problemas seriam atribuíveis à proficiência lingüística, tanto na L2 (inglês) quanto na L1 (português). Parecem faltar a seus sujeitos novatos estratégias que permitam resolver problemas de compreensão de itens lexicais desconhecidos (muitos não conheciam e não encontraram o significado de certas palavras). Além disso, há um caso claro de interferência por falso cognato na tradução de três sujeitos (*luxury* erroneamente interpretado como “luxúria”, em vez de “luxo”), e omissão dessa palavra em dois casos. Mesmo quando parece não haver problema de compreensão de itens lexicais, a retextualização sugere um vocabulário pobre na língua materna e pouco domínio do registro adequado para o tipo de texto. Embora os autores falem de pouca consciência crítica com respeito a categorias discursivas e textuais, traços como os apontados neste parágrafo poderiam ser atribuíveis a problemas em níveis menos complexos de competência lingüística.

Por fim, é importante ressaltar que o fato de várias verbalizações mostrarem que itens lexicais desconhecidos não foram encontrados, mesmo estando disponíveis materiais de consulta e acesso à Internet, indica também pouca habilidade no manejo de fontes de consulta e documentação.

Os autores concluem sugerindo “uma abordagem integrada de aspectos cognitivos e discursivos na formação de tradutores” [*“a combined approach which integrates cognitive and discursive features into translator training”* (p. 207)].

## 1.8 Processamento em rede: as unidades funcionais verticais de Nord

Alguns estudos que apresentam hipóteses e conceitos relativos ao processamento tradutório e que são de interesse para a formação de tradutores não vêm da linha de pesquisas empíricas orientadas ao processo, mas procedem da observação e reflexão de pesquisadores/teóricos com ampla experiência como tradutores e na formação de tradutores, cujos trabalhos de pesquisa e contribuições à teoria da tradução são amplamente respeitados. É o caso da proposta que Christiane Nord apresenta em alguns de seus estudos, a partir de 1988, com relação a um recorte de unidades de tradução (UTs) com a finalidade de otimizar o processamento competente e eficaz do texto-fonte.

Em 1998, ela dedica um artigo a essa proposta de UTs organizadas em rede. Nesse texto, Nord percorre diferentes conceitos de UT propostos por diversos enfoques teóricos: lingüística contrastiva, enfoques estritamente lingüísticos, pragmalingüísticos ou lingüístico-textuais, hermenêuticos, psicolingüísticos orientados ao processo de tradução, semióticos ou funcionalistas. A partir desse exame inicial, a autora apresenta uma proposta diferenciada.

A UT, nota Nord, costuma ser definida em termos processuais como “a unidade da língua ou do texto de partida tratada pelo tradutor no processo de tradução” [*“la unidad de la lengua o del texto de partida tratada por el traductor en el proceso de traducción”* (p. 66)]. No entanto, percorrendo os conceitos propostos nos diferentes enfoques, evidencia-se a existência de uma série de desacordos (1) sobre as proporções ideais de tal unidade; (2) sobre o nível ou categoria lingüística em que estaria localizada uma UT (nível dos morfemas, palavras, colocações ou expressões idiomáticas, orações, ou inclusive textos inteiros ou mesmo no nível da cultura).

Com todas essas divergências, os enfoques examinados por Nord têm um ponto em comum: consideram “horizontalmente” a segmentação de UTs.

Isso posto, Nord sublinha a importância de considerar que, na organização de um texto, operam evidentemente **unidades verticais**, unidades que funcionam em cadeias, conjuntos, ou redes, que não são sequenciais, mas estão **disseminadas em**

**diferentes pontos do texto, formando uma rede** de relações no sentido de servirem todas à construção de uma mesma função. A noção de “função” é chave para seu conceito de UTs verticais.

Como uma das principais representantes dos enfoques funcionalistas nos estudos de tradução, Nord se preocupou com a questão do **tipo textual** considerado a partir da predominância no texto de uma função da linguagem, e elaborou uma proposta de classificação ampla a partir de **quatro macrofunções**: referencial, expressiva, apelativa e fática. Esse modelo “quadrifuncional”, concebido para aplicação na formação de tradutores, se baseia na classificação em três tipos textuais proposta por Reiss a partir das três funções comunicativas de Bühler, mas adiciona a elas a função fática de Jakobson e identifica nessas macrofunções alguns gêneros textuais mais concretamente vinculados a convenções sociais e culturais. As quatro funções são assim apresentadas por Nord (1998: 71):

- (1) **Função referencial:** ou seja, a função de referir-se às coisas e fenômenos do mundo. Subfunções: informativa, metalingüística, instrutiva, didática etc.
- (2) **Função expressiva:** função de expressar atitudes ou emoções frente às coisas e fenômenos do mundo. Subfunções: avaliativa, emotiva, irônica etc.
- (3) **Função apelativa:** função de apelar à suscetibilidade, às experiências, aos conhecimentos prévios etc. do receptor, para que reaja de determinado modo; subfunções: ilustrativa, persuasiva, imperativa, pedagógica, publicitária etc.
- (4) **Função fática:** função de estabelecer, manter ou interromper o contato social entre emissor e receptor; subfunções: cumprimentos/despidas, introdução temática, estabelecimento da relação social entre comunicantes etc.

[– *Función referencial: es decir, la función de referirse a las cosas y fenómenos del mundo. Subfunciones: informativa, metalingüística, instructiva, didáctica etc.*

– *Función expresiva: la función de expresar una actitud o unas emociones frente a las cosas y a los fenómenos del mundo. Subfunciones: evaluativa, emotiva, irónica etc.*

– *Función apelativa: la función de apelar a la susceptibilidad, las experiencias, los conocimientos previos etc. del receptor, moviéndolo a reaccionar de alguna manera. Subfunciones: ilustrativa, persuasiva, imperativa, pedagógica, publicitaria etc.*

– *Función fática: la función de establecer, mantener o terminar el contacto social entre emisor y receptor. Subfunciones: saludos/despedidas, introducción temática, establecimiento de la relación social entre comunicantes etc.*]

Como observa Nord, é muito raro que um texto seja monofuncional e, em geral, eles se organizam **combinando hierarquicamente** mais de uma função. Ao compor seu texto, o autor se vale de elementos lingüísticos para sinalizar certa função comunicativa a seus potenciais receptores. Esses elementos sinalizadores de uma função são chamados por Nord de **indicadores funcionais**, que se definiriam, então, como **meios lingüísticos utilizados para sinalizar para o receptor uma função lingüística em um texto**. Eles são convencionais em grande medida, quer dizer, variam entre línguas e culturas.

Por exemplo, para indicar que se trata de um texto instrucional, um autor inglês utiliza o imperativo (*Wash and peel the potatoes and bring them to the boil*), um autor espanhol usa a forma impessoal do verbo (*Las patatas se lavan y se mondan y se ponen a hervir*), um autor alemão usa o infinitivo (*Kartoffeln waschen, schälen und zum Kochen bringen*). (p. 69)

[*Por ejemplo, para indicar que se trata de un texto instructivo, un autor inglés emplea el imperativo (Wash and peel the potatoes and bring them to the boil), un autor español usa la forma impersonal del verbo (Las patatas se lavan y se mondan y se ponen a hervir), un autor alemán usa el infinitivo (Kartoffeln waschen, schälen und zum Kochen bringen).*]

Indicadores de uma mesma função podem situar-se em vários estratos lingüísticos diferentes e costumam estar disseminados por vários pontos do texto. Assim, seria possível considerar uma **macro-unidade de tradução** operando em nível inferior ao do texto como um todo, e **que se organiza verticalmente**, constituindo-se pelo conjunto dos indicadores funcionais que apontam para uma mesma função ou subfunção comunicativa, independente do estrato lingüístico ou do lugar do texto em que se localizem. Dada sua **conexão em rede** ao redor de uma função ou subfunção comunicativa, Nord chama esse tipo de macro-unidade de **unidade funcional**.

Quando lemos o texto partindo das macro para as microunidades (*top-down*), podemos observar que as concepções [de UT] mencionadas (exceto talvez a de

René Ladmira) operam de modo linear ou «horizontal», segmentando o texto conforme sua cronologia seqüencial. As unidades de tradução que proponho, contudo, se caracterizariam como «unidades verticais» e não seqüenciais. É como se, olhando panoramicamente o texto, descobrissemos cadeias ou mesmo redes de relações entre os diferentes elementos lingüísticos que têm a mesma função comunicativa. (p. 69)

*[Si leemos el texto «de arriba abajo» podemos observar que las concepciones mencionadas (salvo quizás la semiótica de René Ladmira) proceden de manera lineal u «horizontal», segmentando el texto según su cronología secuencial. Las unidades de traducción que yo propongo, en cambio, podrían caracterizarse como «unidades verticales» y no-secuenciales. Es como si al mirar el texto a vista de pájaro descubriéramos cadenas o incluso redes de relaciones entre los diferentes elementos lingüísticos que tienen la misma función comunicativa.]*

Entendo que uma diferença e uma vantagem da proposta de Nord em relação a conceitos como os de redes isotópicas ou de coesão lexical seria o fato de agrupar indicadores nos estratos mais variados, e não apenas as raízes lexicais em torno de algum tipo de invariância semântica. Em muitos subtipos textuais, a própria organização visual ou espacial do texto poderia ser um dos indicadores funcionais, participando do mesmo conjunto ou “unidade funcional” que uma flexão verbal, um traço supra-segmental e uma determinada cadeia isotópica.

De maneira coerente com o enfoque funcionalista, Nord considera que a unidade de tradução primária é o próprio texto, que “funciona somente como entidade complexa: seu «significado» não se reduz à soma de suas partes” [*“funciona solamente como entidad complexa: su «significado» es más que la suma de sus partes”* (p. 70)]. Mas, ao mesmo tempo, propõe que numa posição secundária é importante considerar a existência das unidades funcionais, constituídas por indicadores mais manejáveis cognitivamente pela memória.

As vantagens de operar com unidades de tradução funcionais em vez de estruturais são assim consideradas por Nord:

**(1) Traduzir o texto como entidade complexa e como a unidade hierarquicamente superior, e, ao mesmo tempo, processar unidades viáveis de serem mentalmente trabalhadas dentro das restrições cognitivas de memória.**

**(2) Resolver problemas de polifuncionalidade:**

[...] os meios lingüísticos e extralingüísticos de tradução raramente são monofuncionais. A correlação entre as unidades funcionais e as funções textuais nos permite resolver a ambigüidade dos elementos polifuncionais, e o tradutor pode utilizar, se necessário, procedimentos tradutórios diferentes para uma ou outra função de um mesmo elemento lingüístico. (p. 76)

*[... los medios lingüísticos y extralingüísticos de traducción son raras veces monofuncionales. La correlación entre las unidades funcionales y las funciones textuales nos permite resolver la ambigüedad de los elementos polifuncionales, y el traductor puede emplear, si es necesario, procedimientos traslativos diferentes para una y otra función de un mismo elemento lingüístico.]*

**(3) Facilitar a reformulação textual funcionalmente adequada do texto-fonte por meio de procedimentos de adaptação e compensação:**

[...] se vários meios lingüísticos são utilizados para atingir o mesmo fim comunicativo, não é necessário traduzir numericamente, reproduzindo os elementos um a um. Talvez não faça tanta diferença se a função valorativa está sendo indicada por sete ou por oito adjetivos. Seguindo uma estratégia assim, já não há necessidade de falar em «intraduzibilidade» no caso de certos fenômenos textuais (como, por exemplo jogos de palavras), já que muitas vezes eles podem ser «traduzidos» por outro fenômeno que cumpra a mesma função igualmente bem ou talvez até melhor – porque o efeito de um jogo de palavras mal traduzido muitas vezes é pior do que o de um jogo de palavras substituído por outra formulação talvez menos engenhosa mas natural. (p. 76)

*[... si varios medios lingüísticos se emplean para obtener el mismo fin comunicativo no es preciso traducir numéricamente, reproduciendo los elementos uno por uno. Quizás no importe tanto si la función evaluativa se marca por siete u ocho adjetivos. Siguiendo una estrategia así, ya no es preciso hablar de «intraducibilidad» refiriéndose a ciertos fenómenos textuales (como, por ejemplo, juegos de palabras), ya que muchas veces pueden «traducirse» por otro fenómeno que obtiene la misma función igualmente bien o quizás mejor –porque el efecto de un juego de palabras mal traducido es muchas veces peor que de un juego de palabras sustituido por otra formulación quizás menos ingeniosa pero natural.]*



Para Nord, no ensino de tradução, a consideração das unidades funcionais seria bastante vantajosa: motivaria os aprendizes a não se focarem exclusivamente em elementos lingüísticos concretos do texto-fonte, adotando em vez disso a estratégia de levar em consideração a função comunicativa desses elementos e a do texto, correlacionando-as, o que conduziria a traduções com maior grau de naturalidade e funcionalidade.

O estudo empírico de Gerloff sobre as unidades de tradução parece dar sustentação à proposta de Nord, assim como indicar que o processamento de unidades verticais é de fato mais freqüente para seus sujeitos que obtiveram melhor desempenho tradutório no nível do produto. Pode ser interpretado assim o fato de que Gerloff, no artigo de 1987, inclua entre suas categorias de unidade as que transcendem o nível da oração, que não haviam sido formuladas no relato dos primeiros resultados, em 1986. Os protocolos verbais representados nos diagramas de Gerloff mostram que, ao processar determinados fragmentos do texto, os sujeitos “saltam” para partes anteriores já processadas e distantes. Por isso a autora inclui a categoria de **unidade discursiva**.

Se unirmos essas observações dos estudos experimentais de Gerloff com as intuições derivadas da prática profissional e dos anos de experiência na formação de tradutores de Nord, poderíamos considerar o processamento de unidades discursivas e unidades verticais ou funcionais como um diferencial entre novatos e profissionais, e, portanto, como um possível índice de que o desenvolvimento da competência tradutória está progredindo.

Por fim, poderíamos derivar da proposta de Nord que a própria **capacidade de detectar** essas redes verticais seria um índice importante de processamento tradutório competente. A mesma autora, em outros estudos (1991; 1997), considera como importante competência do tradutor a detecção de problemas e sua adequada circunscrição/compreensão.

## **1.9 Bilingüismo e perfis psicolingüísticos de tradutores: Presas**

Outra proposta de interesse para identificar as diferenças de processamento tradutório de novatos e de profissionais é a elaborada por Presas (2000) com base em

hipóteses de diferentes tipos de interação entre as duas línguas de trabalho na mente de quem traduz.

Presas não apresenta dados empíricos para sustentar sua hipótese. Ela parte de estudos no campo do bilingüismo sobre diferentes perfis de bilíngües e propõe a possibilidade de estabelecer diferentes perfis psicolingüísticos na maneira de traduzir de acordo com a forma como se processam as relações entre as duas línguas de trabalho na mente. Entre esses perfis, Presas aponta aquele que pareceria estar por trás de um processo tradutório eficaz. Sua abordagem dos perfis psicolingüísticos está estreitamente vinculada à questão da interferência em tradução e à preocupação de oferecer uma proposta pedagógica que favoreça a redução de interferências entre as duas línguas de trabalho no processo de tradução. Além disso, seu estudo oferece uma hipótese explicativa sobre um dos motivos pelos quais a competência bilíngüe por si só não garante bons resultados em tradução.

Sobre as **relações entre competência lingüística e competência tradutória**, Presas considera que os bilíngües podem desenvolver quatro habilidades comunicativas, duas receptivas (recepção oral, recepção escrita) e duas produtivas (produção oral, produção escrita). Seu grau de proficiência em cada uma delas pode variar. Com base nessa distinção é possível desenhar um quadro das combinações de habilidades envolvidas nos sentidos inverso ou direto da tradução ou da interpretação (*Figura 6*).

	Recepção Oral	Produção Oral	Recepção Escrita	Produção Escrita
Tradução direta			L2	LM
Tradução inversa			LM	L2
Interpretação direta	L2	LM		
Interpretação inversa	LM	L2		

*FIGURA 6.* Habilidades comunicativas específicas do tradutor e do intérprete (Presas, 2000: 22).

A *Figura 6* evidencia alguns aspectos da questão complexa das relações entre CT e competência bilíngüe. Por exemplo, como já sugerimos, são suficientes a observação e o senso comum para notar que nem todos os indivíduos têm boa proficiência na produção de textos escritos em sua LM, portanto nem todos os falantes nativos de uma língua estariam igualmente capacitados para efetuar com qualidade uma tradução escrita direta.

Outra questão é que a interação entre LM e L2 na mente de um bilíngüe parece acontecer de diferentes maneiras conforme cada uma das línguas seja processada em

memórias independentes ou memórias (inter)dependentes, e conforme a natureza da relação estabelecida entre estruturas lingüísticas e estruturas conceituais/representações mentais<sup>5</sup>.

Partindo desses parâmetros, Weinreich (1968 *apud* Presas: 2000) propõe uma tipologia com três perfis psicolingüísticos de bilíngües (*Figura 7*): (1) **bilíngües coordenados** teriam dois repertórios separados de imagens mentais para signos lingüísticos da LM e da L2; (2) **bilíngües compostos** associariam um mesmo repertório de imagens mentais aos signos das duas línguas; e (3) **bilíngües subordinados** associariam signos verbais de uma língua a signos verbais de outra língua, e só a partir dessa operação entre as estruturas lingüísticas associariam os signos a uma imagem mental.

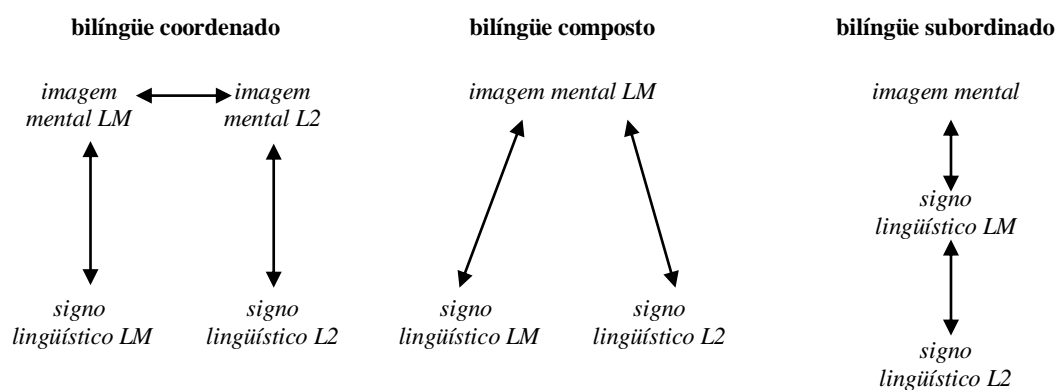


FIGURA 7. Tipos de bilingüismo (Presas, 2000: 23).

Dessa tipologia Presas deriva quatro perfis psicológicos de tradutores (*Figura 8*), que aparecem formulados a seguir com base nessa autora e tendo em mente a tradução direta escrita:

(1) **Tradutor associativo.** Associa diretamente itens lexicais/segmentos textuais da L2 com itens lexicais/segmentos textuais da LM, num processamento restrito no nível das formas lingüísticas, sem mediação de conteúdos mentais. Para Presas, tal processamento “não representa um autêntico processo de compreensão ou recepção” [*it does not represent a true process of comprehension or reception*] (p. 23)].

(2) **Tradutor subordinado.** Associa conteúdos mentais exclusivamente com a LM. No processo de recepção, formas lingüísticas da L2 são associadas diretamente a formas lingüísticas da LM, que só então são associadas a conteúdos mentais. Assim, nesse tipo de processamento, a tradução precede a compreensão.

<sup>5</sup> Segundo modelos teóricos detalhados adiante, estruturas conceituais podem funcionar na memória de forma consideravelmente autônoma com relação às estruturas lingüísticas.

(3) **Tradutor composto.** Interpreta formas lingüísticas da L2 em relação com o mesmo repertório de conteúdos mentais associado à LM. Nesse caso, a recepção-produção pode perder precisão se representações mentais associadas às formas de cada uma das línguas não forem totalmente coincidentes ou simétricas.

(4) **Tradutor coordenado.** (a) Associa formas lingüísticas da L2 com o repertório de conteúdos mentais próprio dessa língua, (b) associa as representações mentais específicas do repertório da L2 com conteúdos mentais próprios do repertório da LM, (c) que por sua vez está associado com formas lingüísticas da LM. “Em outras palavras, cada língua tem seu próprio repertório de conteúdos mentais e o processo de recepção-produção distingue claramente entre o conteúdo mental de cada uma delas” [“... in other words, each language has its own repertory of mental content and the reception-production process clearly distinguishes between the mental content of each language” (p. 24)].

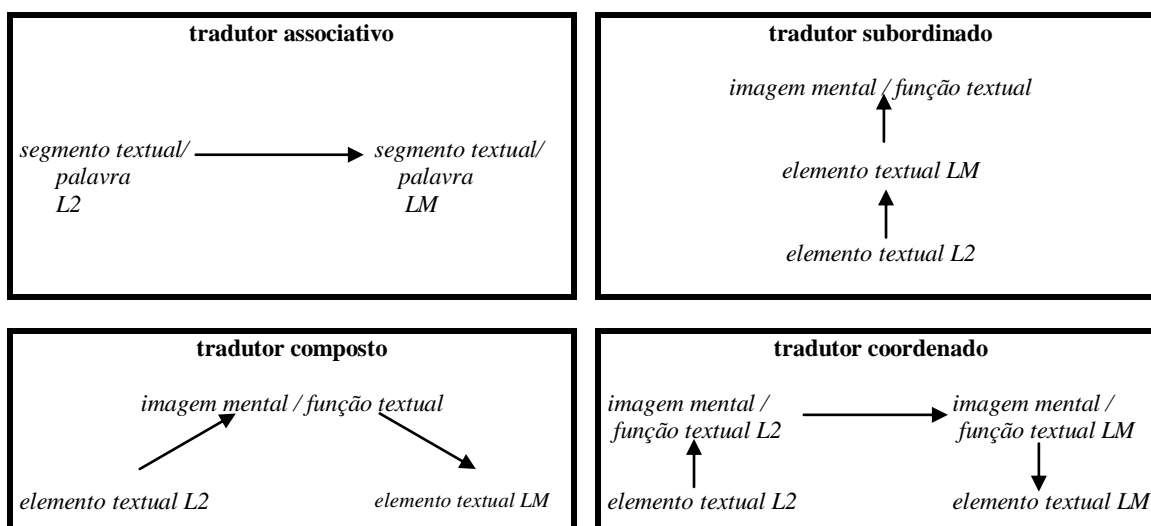


FIGURA 8. Perfis psicolingüísticos de tradutores (adaptado de Presas, 2000: 23-25).

O **funcionamento ideal da CT** do tradutor proficiente, para Presas, é o que corresponde ao perfil do **tradutor coordenado**.

Os perfis do tradutor composto e principalmente o dos tradutores subordinado e associativo ajudariam a entender a interferência em tradução, a qual, segundo Presas, pode manifestar-se tanto no processo de compreensão (recepção) quanto no de redação do texto de chegada (produção):

1) **Interferência na recepção.** A interferência da LM na compreensão da L2 estaria subjacente ao fenômeno dos equívocos devidos a falsos cognatos, especialmente no caso de tradutores novatos. Do ponto de vista psicolingüístico, se explicaria como a associação direta de formas lingüísticas de línguas diferentes por relações superficiais

de semelhança (bases lexicais ou características estruturais), sem considerações adequadas de suas correspondências com conteúdos mentais e/ou funções textuais.

2) **Interferência na produção.** Na tradução direta, a L2 afeta a produção na LM. A possibilidade dessa interferência (muito estudada no processo de tradução) e os procedimentos para evitá-la constituem o núcleo das estilísticas comparadas. Considerando os perfis psicolinguísticos apresentados, os mecanismos de transposição automática no nível das formas linguísticas especialmente focados no nível lexical (típicos do processamento do tradutor associativo) seriam responsáveis por um bloqueio na etapa essencial do processamento analítico no nível dos conteúdos mentais.

Se for assim, diz Presas, a aquisição pelos aprendizes dos mecanismos de recepção e produção do tradutor coordenado solucionariam os fenômenos de interferência em tradução, verificados inclusive em sujeitos com elevado nível de proficiência bilíngüe. O caminho seria o de operar nos bilíngües a separação entre conteúdo mental e forma gráfica ou sonora das estruturas linguísticas.

Distinguir-se-ia então o tradutor novato do proficiente como na *Figura 9*:

<b>tradutor novato</b>	<b>tradutor experiente (<i>expert</i>)</b>
* habilidades linguísticas não especializadas	* habilidades linguísticas especializadas
* memória bilíngüe composta ou subordinada	* memória bilíngüe coordenada
* mecanismos inconscientes de interferência	* controle sobre a interferência (recepção e produção)
* mecanismos de alternância de código ( <i>code switching</i> ) no plano lexical	* procedimentos heurísticos de transferência textual

FIGURA 9. Perfis psicolinguísticos de tradutores novatos e experientes (Presas, 2000: 28).

## 1.10 Novatos, profissionais e o ensino de tradução: parâmetros gerais

Em sua tese de doutorado apresentada em 2000, Mariana Orozco inclui um amplo levantamento de estudos processuais com o intuito de comparar os objetivos e as características metodológicas presentes neles.

A variedade de objetivos dos estudos processuais é marcante e tem sido apontada como problemática, em conjunto com a diversidade de desenhos experimentais, especialmente porque se entende que tal irregularidade de objetivos e

métodos não facilita uma comparação entre eles, comparação que ajudaria a verificar resultados e hipóteses frequentemente baseados em número bastante restrito de sujeitos (às vezes apenas um ou dois sujeitos representando um grupo).

Orozco critica ainda alguns dos desenhos metodológicos, que considera inadequados para o que se está pretendendo observar. Em certa medida, é o que acontece quando Krings reconhece que seu modelo de processo provavelmente não corresponderia de fato ao modelo de processo de sujeitos profissionais, por ter sido formulado a partir de dados de sujeitos que, mesmo sendo estudantes universitários de final de curso em língua estrangeira, claramente não atuavam em tradução como os profissionais. Da mesma forma, Jääskeläinen e Tirkkonen-Condit consideram profissionais alunos de último ano no curso universitário de tradução, enquanto Séguinot aponta que algumas características de processamento só são adquiridas de fato após algum tempo de prática profissional, uma vez que elas não aparecem nos trabalhos de alunos de último ano de curso universitário, mesmo que tenham acumulado considerável experiência ao longo de várias disciplinas de prática de tradução e tenham feito estágios para ganhar também alguma experiência de atuação no mercado.

Por mais que as críticas aos estudos processuais tenham sua parcela de razão, se pensarmos que os estudos considerados aqui estão em fase bastante inaugural, a diversidade de focos talvez seja de fato mais interessante para o seu desenvolvimento, por fornecer, na junção dos diversos experimentos, o desenho de um panorama amplo de possibilidades de pesquisa e de elementos observáveis no processo tradutório e na CT. Por sua diversidade, eles nos legaram um levantamento ilustrativo de problemas relacionados ao desenho de estudo, às técnicas de coleta de dados e a questões de parâmetros de análise de dados, para os quais só a partir deles pode-se hoje estar mais alerta.

Em seu levantamento, Orozco procura agrupar um número considerável de estudos processuais realizados até 2000 de acordo com seus focos de interesse, e oferece o seguinte panorama: (a) 12 pesquisas sobre a **importância de elementos variados no processo** (unidade de tradução, encomenda de tradução e edição, atenção consciente, processo de compreensão do texto-fonte, papel da leitura na compreensão do texto-fonte, pressão de tempo, processo de compreensão); (b) 12 estudos sobre **problemas de tradução e aplicação de estratégias** para resolução de problemas; (c) 15 estudos sobre a **importância de componentes específicos da CT** na tradução (criatividade, conhecimentos lingüísticos, conhecimentos enciclopédicos, transferência cultural,

procedimentos de rotina, conhecimentos do tradutor, conhecimentos temáticos, competência lingüística e extralingüística, componentes de afetividade, documentação); (d) 9 estudos sobre a **CT do tradutor profissional**, às vezes comparada com a de estudantes e bilíngües (alguns estudos em tradução inversa); (e) 9 estudos sobre **didática de tradução** (estratégias de aprendizagem, avaliação, aprendizagem por computador, entre outros temas); (f) 2 estudos focados nos **TAPs como técnica** de coleta de dados.

Depois de percorrer esses trabalhos, Orozco confirma o que afirmávamos ao início deste capítulo sobre a imbricação dos estudos processuais com os estudos de competência tradutória:

Esta classificação por objetivos evidencia que muitas das pesquisas se centram em subcompetências da competência tradutória, mais até do que as que têm como objetivo o processo de tradução, das quais a metade é dedicada ao processo de compreensão do texto-fonte. (p. 49)

*[Esta clasificación por objetivos pone en evidencia que muchas de las investigaciones se centran en subcompetencias de la competencia traductora, más incluso que las que tienen por objetivo el proceso de traducción, de las que la mitad están dedicadas al proceso de comprensión del TO.]*

Pudemos ver, nos estudos analisados ao longo deste capítulo, um vasto leque de elementos que poderiam servir como pontos de referência para distinguir o processamento tradutório e a competência tradutória de novatos e profissionais. A partir disso, gostaríamos de propor uma classificação de três tipos de parâmetros, e ao final sugerir um importante ponto em comum entre todos eles, tendo em vista o desenvolvimento da CT.

Os estudos analisados parecem nos remeter a parâmetros para identificar a CT já plenamente desenvolvida a partir de diferentes aspectos: (1) **parâmetros cognitivos**: maior intensidade de processamento e processamento mais recorrente ou maior recursividade (Gerloff); maior capacidade de operar com processamentos lingüísticos em estratos mais complexos ao mesmo tempo que se monitora aspectos lingüísticos mais superficiais (Séguinot); maior automatização de processamentos lingüísticos próprios da compreensão (e relativos à boa proficiência bilíngüe) e maior concentração na resolução de problemas de produção (Gibb *apud* Tirkkonen-Condit); mais tempo

dedicado a processos de monitoração das escolhas tradutórias, na forma de edição/revisão (Gerloff); maior número de processamentos do texto completo (Gerloff); maior capacidade de controle de mecanismos de interferência entre as duas línguas (Presas), indícios da existência de diferentes universos conceituais ou duas estruturas de memória de longo prazo diferenciadas para cada uma das línguas de trabalho (Presas); maior capacidade de ativação da memória enciclopédica no processamento de textos (Tirkkonen-Condit); maior intensidade de processamento textual com base no conhecimento de mundo (Tirkkonen-Condit); (2) **parâmetros discursivo-textuais**: interpretação e produção lingüística menos focada na linearidade e na palavra isolada e mais focada nas relações entre unidades, como concordância, processamento sintático, estilo (Séguinot) e/ou na relação da forma lingüística com as estruturas conceituais (Presas); compreensão mais complexa e profunda do texto (maior interação do texto com as próprias estruturas prévias de conhecimento; melhor domínio de aspectos macrotextuais e semânticos, como coerência e redes coesivas) (Gerloff; Nord; Alves & Magalhães); (3) **funcionais**: maior consciência da dependência que a tomada de decisões tem da finalidade da tradução (Jääskeläinen; Nord); maior capacidade de variar as estratégias com o objetivo de obter maior adequação à finalidade da tradução (Krings; Jääskeläinen; Nord).

Parece-nos possível também vislumbrar um ponto fulcral da CT que reúne, se não todas, pelo menos grande parte das características apontadas acima, e que vamos chamar de **capacidades cognitivas relacionais**. Capacidades relacionais em diferentes níveis de processamento lingüístico e uma capacidade de contextualização<sup>6</sup> que toma formas variadas (contextualização na memória de longo prazo, na cultura-fonte e na cultura-meta, no encargo específico de tradução etc.) mostram ter alta relevância para um percurso mais eficiente do processo tradutório. Em trabalhos como os referidos neste capítulo, diferentes tipos de **processamento relacional** mostraram ser importantes elementos diferenciadores do processo tradutório de novatos e profissionais, começando pela capacidade de estabelecer adequadamente relações sintáticas básicas, como **concordância** sujeito-verbo (Séguinot: 1990). Sujeitos capazes de gerar produtos de qualidade e adequados funcionalmente não processam nem traduzem atomisticamente unidades lexicais recorrendo a equivalências estáticas de sistema lingüístico para sistema lingüístico (equivalências de dicionário), mas mostram capacidade de segmentar e processar unidades de tradução com base numa imbricação de diferentes tipos de

---

<sup>6</sup> Notando-se que a capacidade de contextualização é um tipo de capacidade relacional.



**relações**. Processam a compreensão textual fazendo **interagir elementos lingüísticos e conhecimento de mundo** (Gerloff: 1986; Tirkkonen-Condit: 1986); consideram as unidades e suas equivalências **em relação dinâmica com a finalidade da tradução** (Jääskeläinen: 1989); consideram as unidades em termos de seu **peso específico no contexto e num contexto discursivo**, detectando sua **pertença a redes coesivas** dirigidas a determinado fim discursivo (Alves & Magalhães: 2004); são capazes de **agrupar em conjuntos** elementos pertencentes a diferentes estratos lingüísticos (morfemas, palavras, aspectos verbais, conectores, formas de tratamento...), identificando neles a propriedade de apontar uma **mesma função** dentro do texto, e trabalham considerando cada um desses conjuntos como uma única UT funcional (Nord: 1989).

Assim, é legítimo assumir que um importante indicador de progresso no desenvolvimento da CT é o afastamento de processamentos mais atomísticos (estabelecimento de equivalências 1:1 predominantemente no nível da palavra e do sistema, com base na maioria das vezes nas associações fixas detectadas por Krings), na direção de níveis crescentes de processamento hierárquico, com maior complexidade relacional e de contextualização.

Contribuir para desenvolver essa capacidade de processamento lingüístico-textual relacional e complexo parece ser uma importante meta da formação geral em tradução. Indícios de desenvolvimento dessa capacidade sugeririam progresso no desenvolvimento da CT.



